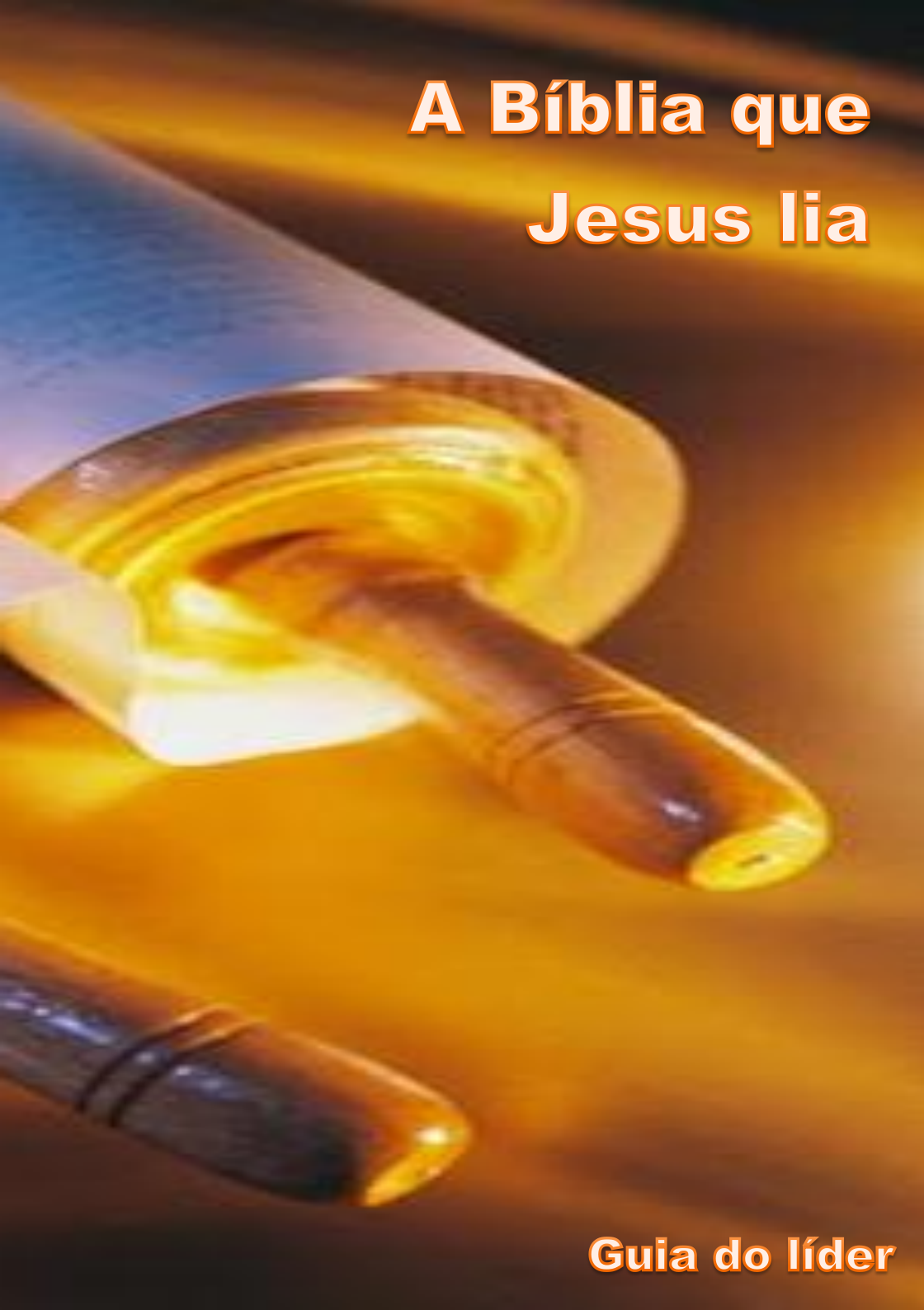

A Bíblia que
Jesus lia
Guia do líder

ÍNDICE

Prefácio 1

Instruções para uso deste material.....3

Introdução ao Antigo Testamento.....4

1. Vale a pena ler o Antigo Testamento? 22

2. Jó: soberania e dor.....30

3. Deuteronômio: um sabor agridoce 40

4. Salmos: espiritualidade em cada nota 47

5. Eclesiastes: fim da sabedoria 58

6. Profetas: resposta de Deus para o mundo 66

7. Isaías: a nação e o servo.....76

Bibliografia 85

© Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera
Ministério de Grupos Pequenos

Agosto de 2011
Produzido para uso interno

Contatos:
grupospequenos@chacaraprimavera.org.br
www.chacaraprimavera.org.br
(19) 3254-4500

Equipe de produção

Texto
Ana Luísa de Mello e Silva
Marco Antonio Gomes Da Silva
Newton R. B. Oppermann

Supervisão e revisão
Jonathan Luís Hack
Marco Antonio Gomes Da Silva

Prefácio

Estudaremos nos grupos pequenos, nessa série que você tem em mãos, o Antigo Testamento, que é "a Bíblia que Jesus lia". Será uma experiência gostosa, como se estivéssemos deslizando graciosamente sobre um lago congelado. Particularmente, tenho um enorme prazer em apresentar esse material amplamente pesquisado e escrito por várias pessoas. O título é muito desafiador e a escolha de escrever cada estudo, feita por Deus.

A denominação *Antigo Testamento* é o modo pelo qual nos referimos à primeira parte da Bíblia. A expressão "testamento" vem do latim *testamentum*, tradução do hebraico *berit* e do grego *diatheke*, significando "pacto, acordo, contrato, aliança". Tudo isso está ligado à ideia da aliança feita entre Deus (Javé) e Israel, através de Moisés.

O Antigo Testamento (AT) é uma coleção de livros que o povo de Deus reconheceu como Sagradas Escrituras reveladas pelo próprio Senhor. Esta coleção chegou até nós por meio do judaísmo, e também o cristianismo e o islamismo reconhecem estes livros como sagrados. Com a vinda de Jesus e sua "nova aliança" (Novo Testamento), a expressão *Antigo Testamento* foi usada para designar os tempos anteriores a Cristo (veja 2Co 3:14).

O AT é a escritura usada pelos cristãos no princípio, pois somente aos poucos é que foi surgindo o Novo Testamento. O próprio Jesus reconhece e reafirma a autoridade do Antigo Testamento como Palavra de Deus.

Num sentido mais restrito, o AT é a história do povo de Deus diante do pacto com seu Deus. Esta história é marcada pela fidelidade de Deus mas, por outro lado, pela infidelidade constante do povo. Essa infidelidade traz, sucessiva e inevitavelmente, um merecido castigo. Mesmo assim Deus continua fiel à aliança feita com seu povo.

O Novo Testamento (NT), porém, marca o início da nova aliança (por isso, Novo Testamento). Esta não é baseada em sangue de bodes e de carneiros, como a antiga, mas no sangue do Filho, Jesus. O AT é a preparação de Deus para o NT; a antiga aliança nos conduz à nova aliança! Mas o AT não pode ser compreendido completamente sem a luz do NT sobre ele. Os dois, juntos, formam uma única revelação do plano de Deus para seu povo! De igual modo, o AT é que torna o NT compreensível e aceitável; a segunda parte da Bíblia só pode ser entendida à luz da revelação da primeira. Jesus disse àqueles que não criam ser ele o Messias: "Se vocês cressem em Moisés, creriam em mim, pois ele escreveu a meu respeito" (Jo 5:46).

Cristo abriu a mente dos discípulos para o entendimento das Escrituras (Lc 24:25). Também Paulo argumenta sobre o véu que cobre as mentes dos judeus quando leem o AT e diz que este véu só é retirado em Cristo (2Co 3:14). "*Existe, portanto, no Antigo Testamento um conteúdo que somente a fé cristã está em condições para compreender e julgar*".[1]

Concluindo, quero destacar que o Antigo Testamento:

- É a história que prepara o advento de Cristo;
- É a história das intervenções de Deus na vida do homem para realizar seu plano redentor;
- É uma exposição doutrinária e religiosa que prepara o surgimento do cristianismo;
- É uma pedagogia religiosa: a lei nos conduz até Cristo;
- É uma figura do Novo Testamento.

Bem, então vamos encarar este desafio de estudar o Antigo Testamento, a Bíblia que Jesus lia.

Marco Antonio Gomes Da Silva

[1] Teodorico Balarini, *Introdução bíblica*, p. 25.

Instruções para uso deste material

Os temas e as datas listados abaixo apresentam o calendário previsto para uso desse material nos grupos pequenos:

- 2 a 4 | agosto = Vale a pena ler o AT?
- 9 a 11 | agosto = Jó, soberania e dor.
- 16 a 18 | agosto = Deuteronômio, um sabor agridoce.
- 23 a 25 | agosto = Salmos, espiritualidade em cada nota.
- 30 | agosto a 1 | setembro = Eclesiastes, fim da sabedoria.
- 6 a 8 | setembro = Profetas, resposta de Deus ao mundo.
- 13 a 15 | setembro = Isaías, a nação e o Servo.

O material de cada encontro seguirá o padrão abaixo:

- Objetivos: conceitos chaves abordados no estudo;
- Introdução ao assunto em questão;
- Estudo: Conjunto de perguntas para debater o assunto;
- Para refletir e praticar;
- Leituras sugeridas para o próximo encontro;
- Lista de orações: espaço para anotar os motivos de orações do grupo naquele encontro;
- Lista de presença: espaço para registrar as presenças dos participantes naquele encontro.

Marco Antonio Gomes Da Silva

Introdução ao Antigo Testamento

Leio a Bíblia como qualquer leitor comum, interagindo com o conteúdo, procurando entender a intenção do autor. Por ganhar a vida como escritor, dou uma espiada 'por trás das cortinas' para especular a razão na qual o autor usou determinada ilustração, escolheu uma metáfora incomum ou começou aqui e não ali.[2]

A Bíblia pode ser descrita como uma coleção de livros escritos que a igreja reconhece como inspirados; nós os chamamos de Escrituras, Escritura Sagrada ou de Testamentos (Antigo e Novo).

A palavra Bíblia vem até nós do grego através do latim. A expressão grega é *ta biblia*, que quer dizer "os livros". No latim tardio, a palavra tomada por empréstimo *biblia* (plural neutro em grego) foi considerada como um substantivo latino, feminino, singular, significando "o livro". Este significado dado, porém, não satisfaz, posto que a Bíblia é uma biblioteca de livros com diversos autores humanos (em torno de 40) e um autor divino, através da inspiração do Espírito Santo. É dividida em duas partes: o Antigo e o Novo Testamentos.

Esta palavra *testamento* indica uma característica fundamental da revelação, isto é, a aliança de Deus com seu povo. Esta aliança era um contrato, visto que o povo também aceitou certas condições, especialmente na obrigação de ser fiel a ele, o único Deus verdadeiro.

[2] Philip Yancey, *A Bíblia que Jesus lia*, p. 9.

O texto do Antigo Testamento

A) Formação do texto bíblico

A formação do Antigo Testamento foi um processo bastante longo. Muito do que sabemos sobre o mundo antigo está baseado na tradição oral que passava de pais para filhos, de contadores de histórias para crianças, de mestres para alunos, etc.

Assim foi preservada a história, por exemplo, do princípio de todas as coisas. Moisés escreveu no século XIII a.C., mas relatou histórias do século XIX a.C. sobre Abraão e seu chamado por Deus. Aceitando 1280 a.C. como data da entrada em Canaã,[3] e sabendo que Moisés não entrou na Terra Prometida, podemos concluir que ele escreveu os seus livros antes disso.

A história do Antigo Testamento se encerra com os relatos de Neemias no ano 434 a.C. e as profecias de Malaquias. Isto significa um período total de 800 a 900 anos para o surgimento dos escritos do AT em sua forma original.

Os séculos seguintes são denominados de Período Interbíblico (ou Período Intertestamental = entre os dois testamentos). É um período de silêncio profético de 400 anos. Contudo, podemos acompanhar os acontecimentos históricos em livros que são parte da tradição de Israel e de outros povos.

Após este período chega a plenitude dos tempos, o ponto central da história da humanidade: o Deus Criador se encarna entre nós como ser humano na pessoa de Jesus. A vida e o ministério de Jesus são relatados por escrito após sua morte e ressurreição. Juntamente com narrativas e cartas sobre a vida da igreja, tais escritos foram reconhecidos como Palavra de Deus e agrupados no Novo Testamento. Abrangem desde o livro de Tiago (cerca de 50 d.C.) até os escritos de João, já no final da era apostólica (cerca de 100 d.C.).

Assim, enquanto o AT levou mais de 800 anos para ser forma-

[3] Os estudiosos divergem quanto às datas exatas dos acontecimentos antes da época de Saul e Davi. Por isso, tais datações devem ser assumidas com cautela.

do, o NT aparece em apenas 50 anos. Obviamente, a oficialização destes documentos levou mais tempo (veja abaixo).

Toda a formação do Antigo Testamento passa logicamente pela formação do povo de Israel e, consequentemente, pela família formada a partir de Abraão. Abraão aparece na história da humanidade por volta de 2040 a.C.[4] "*O nome 'Abraão' (Abamram) aparece em textos babilônicos da Primeira Dinastia e possivelmente nos textos das Execrações, enquanto que nomes contendo os mesmos componentes são encontrados em Mari*".[5] Estas citações são importantes, pois situam Abraão e a narrativa bíblica dentro do contexto da história geral e permitem propor uma data aproximada para seu nascimento. A Bíblia não fornece tais detalhes, pois seu foco não está na exatidão científica ou histórica, mas na explanação teológica sobre os fatos ocorridos.

B) Cânon do Antigo Testamento

O processo de canonização desta coleção de livros sagrados levou séculos para ser completado. Foi uma tarefa árdua e difícil.

No AT, muitos livros foram rejeitados por uns e aceitos por outros, de acordo com tradições de cada região. Aos poucos um consenso foi formado e os judeus da Palestina definiram seu cânon (conjunto fixo de livros). Os judeus gregos (que não viviam na Palestina) incluíram outros livros em sua tradução do hebraico para o grego (chamada de *Septuaginta*).[6] Este debate, entretanto, continuou dentro da igreja, chegando até os dias da Reforma Protestante.[7] Tais livros passaram a

---

[4] Joseph Angus, *História, doutrina e interpretação da Bíblia*, p. 328.

[5] John Bright, *História de Israel*, p. 96.

[6] Tem este nome, segundo a lenda, por ter sido preparada por 70 anciãos no reinado de Ptolomeu Filadelfo, por volta de 285-246 a.C.. Por isso ficou conhecida como "a tradução dos Setenta" (LXX ou Septuaginta).

[7] O cânon palestino é conhecido como Cânon Hebraico. O Cânon Alexandrino resultou na tradução da LXX. Os protestantes seguem estritamente o cânon palestino; os católicos, por decisão do Concílio de Trento, adotam o Cânon Alexandrino, mas reconhecem que tais adições não têm o mesmo valor inspirado dos demais livros (daí a denominação de *deuterocanônicos*, querendo indicar "de segunda linha" ou "segundo cânon").

ser denominados como *deuterocanônicos*. Muitos outros livros, rejeitados por ambos os grupos de judeus, são denominados de *apócrifos*.

Não foi apenas uma atividade humana que determinou se o que foi escrito era ou não Palavra de Deus. Pensar assim é deixar de lado a soberana ação do Espírito Santo que inspirou o texto bíblico e o preservou durante os séculos posteriores até hoje. Este processo longo e penoso certamente foi guiado por Deus, mas o homem também tomou parte deste processo, por meio de sua pesquisa, conhecimento e processos de desenvolvimento histórico, linguístico e cultural. Deus agiu de forma soberana no processo de formação da palavra, assim como esteve na sua preservação e no processo histórico de séculos para definir este cânon.

C) Informações adicionais sobre o cânon

Para você que deseja entender melhor este assunto, seguem abaixo alguns detalhes adicionais a respeito da canonização das três partes principais do Antigo Testamento:

Lei (Pentateuco ou Torá): o processo histórico do cânon se iniciou em 621 a.C., quando o rei Josias fez uma reforma em Israel e o livro de Deuteronômio foi encontrado no templo. A partir daí houve um resgate dos livros antigos e maior cuidado com sua preservação. Os incidentes descritos em Gênesis exigem grande conhecimento de causa e certamente foram baseados em tradições e documentos antigos. Êxodo afirma 75 vezes que "disse o Senhor a Moisés", demonstrando que estes livros estão baseados na vontade revelada do Senhor e que Moisés foi o mediador desta revelação. Por isso o Pentateuco também é denominado como "os livros de Moisés".

Profetas: evidências históricas mostram que entre 250 e 175 a.C. os profetas já eram considerados escritos sagrados. Isso inclui os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis (são denominados de *profetas anteriores*); Isaías, Jeremias e Ezequiel (*profetas posteriores*) e os doze profetas menores. Os escritos dos profetas se distinguiam tanto dos outros que logo eram considerados autoritários (ou seja, inspirados por Deus, com autoridade de Deus). Em quase todos vemos a fórmula: "Assim disse o Senhor".

Escritos: esta foi a parte com mais disputas e mais demorada a concluir. Aqui se incluem os livros poéticos de Salmos, Provérbios, Jó e os cinco rolos usados nas festas de Israel: Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester. Há

também os livros históricos de Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas. Os livros de Ester e de Lamentações foram os últimos a serem aceitos como canônicos, por volta de 160-105 a.C.[8] Já os livros de Cantares, Eclesiastes e Ester foram os que permaneceram mais tempo como disputados! Até o Sínodo de Jâmnia, em 90 d.C., alguns rabinos ainda não aceitavam o livro de Ester porque o nome de Deus não é mencionado nenhuma vez em todo o livro.

> O mais antigo e decisivo testemunho é o do historiador judeu Flávio Josefo, que cerca do ano 90 d.C. escreve o seguinte: 'Porque nós não temos (isto é, como os gregos) miríades de livros discordantes e contraditórios entre si, mas apenas 22... juntamente aceitos. Cinco são os livros de Moisés, que compreendem as leis e as tradições da origem da humanidade até a morte dele. Os profetas que foram depois de Moisés escreveram em 13 livros o que sucedera no tempo em que viveram. Os 4 livros restantes encerram hinos a Deus e preceitos para a conduta do homem'. O grupo dos 22 livros está provavelmente disposto justamente como o temos hoje na Bíblia sem os apócrifos, na Bíblia protestante que segue o cânon hebraico ou palestino... O testemunho de Josefo é impressionante porque ele escreve em grego para os gregos. Estes e ele conheciam muito bem a LXX (Septuaginta), mas escrevendo ele, como porta-voz da sua nação, limita formalmente o cânon do AT aos escritos contidos nas Escrituras hebraicas.[9]

D) Informações adicionais sobre os livros apócrifos

O termo apócrifo vem do grego *apokrufe* que quer dizer "oculto, secreto, misterioso". No início da igreja, o termo era usado para designar livros de autoria incerta, ou escritos sob pseudônimos,[10] ou ainda aqueles livros que tinham sua autorida-

---

[8] Entretanto, Josefo, um historiador posterior dos hebreus, afirma que o cânon já estava fechado na época de Esdras, por volta de 450 a.C.. Veja também a citação dele no parágrafo seguinte.

[9] Joseph Angus, *História, doutrina e interpretação da Bíblia*, p. 14-15.

[10] Apelidos ou nomes usados para esconder o verdadeiro nome do autor ou mesmo para se passar pelo autor mais famoso. Exemplo: "Evangelho de Pedro".

de canônica posta em dúvida.

Assim, o termo apócrifo tomou o sentido de "espúrio, não autêntico", indicando até hoje os livros não canônicos. Já vimos que os livros aceitos pelos judeus palestinos são os mesmos da Bíblia protestante; enquanto os judeus gregos aceitavam outros livros, como hoje encontramos na Bíblia católica (Septuaginta).

Nos séculos iniciais, os cristãos tinham em alta conta os livros não canônicos acrescidos na LXX. No ano 400 d.C., Jerônimo lhes atribuiu uma classificação inferior, separando-os dos demais. Em 1548, a Igreja Católica oficializou estes acréscimos como canônicos e os inseriu na Vulgata, apesar de Jerônimo tê-los deixado de fora anteriormente. Mantiveram fora apenas os livros de I e II Esdras e a Oração de Manassés.

Há inúmeros livros apócrifos. Veja a lista a seguir com os livros apócrifos e deuterocanônicos em ordem cronológica:

250 a.C.	Aikar
220 a.C.	Tobias
183 a.C.	I Enoque
181-145 a.C.	Adições a Ester
180 a.C.	Sabedoria de Jesus Ben Sirac (Eclesiástico)
180 a.C.	Testamento dos 12 patriarcas
180-100 a.C.	Judite
150 a.C.	I Baruque
150 a.C.	Cântico dos três jovens
105 a.C.	I Macabeus
105 a.C.	Fragmentos Sadoquitas
< 100 a.C.	I Esdras
100 a.C.	Manual de Disciplina
100 a.C.	Guerra dos filhos da Luz e Trevas
100 a.C.	II Macabeus
100 a.C.	Oráculos sibilinos III
100 a.C.	Salmos da seita de Qumran
80-50 a.C.	Susana
80-50 a.C.	Epístola de Jeremias
80-50 a.C.	Bel e o Dragão
80-50 a.C.	Carta de Aristéias
40 a.C.	Vida dos Profetas
40 a.C.	Comentário sobre Habacuque 1.2
40 a.C.	Salmos de Salomão
50 a.C. - 10 d.C.	Sabedoria de Salomão
50 a.C. - 50 d.C.	III Macabeus
50 a.C. - 70 d.C.	IV Macabeus

4 a.C. - 28 d.C.	Assunção de Moisés
1 d.C.	Martírio de Isaías
1 d.C.	Oração de Manassés
1-66 d.C.	Crônicas de Jeremias
1-66 d.C.	Vida de Adão e Eva
1-66 d.C.	Apocalipse de Moisés
1-66 d.C.	II Baruque
10-100 d.C.	Ditos dos Pais
66 d.C.	II Enoque
88 - 117 d.C.	II Esdras
100 d.C.	Apocalipse de Abraão
100 d.C.	III Baruque

Bibliografia sugerida para estudos posteriores

Se houver interesse, você pode obter mais detalhes sobre a formação do texto bíblico e o processo de canonização nos livros abaixo:

- *A inspiração e inerrância das Escrituras: uma perspectiva reformada*, Hermisten M. P. da Costa, Cultura Cristã
- *Documentos do AT: sua relevância e confiabilidade*, Walter Kaiser, Cultura Cristã
- *Havendo Deus falado*, J. I. Packer, Cultura Cristã
- *Inspiração e canonicidade da Bíblia*, Robert L. Harris, Cultura Cristã
- *Introdução bíblica*, Norman Geisler, Vida
- *Merece confiança o AT?*, Gleason Archer, Vida Nova
- *Merece confiança o NT?*, F. F. Bruce, Vida Nova.

Contexto histórico e social do AT

A) Língua e literatura

Língua: os livros do AT foram escritos na língua hebraica, a língua dos hebreus.[11] Esta era a língua comum de Canaã e da Fenícia. Pode-se considerar o hebraico como sendo o dialeto israelita da lín-

[11] O qualificativo *hebraico* para a língua dos hebreus ocorre em primeiro lugar no livro apócrifo de Eclesiástico (cerca de 130 a.C.). Josefo se utiliza da expressão "língua dos hebreus" para o antigo hebraico. Os Targuns (paráfrases judaicas dos livros do AT) chamam o hebraico de "a língua sagrada".

gua cananeia.

Israel estava cercado de povos que falavam o aramaico, língua correlata de Aram – território que abrangia parte da Mesopotâmia, Síria e extensa porção da Arábia. Com a queda de Samaria (722 a.C.), as tribos semíticas que falavam o aramaico passaram a exercer ainda maior influência na região. O hebraico começou a decair como língua até se extinguir como língua falada.

No tempo de Neemias, ainda era a língua falada em Jerusalém (Ne 13:24), em cerca de 430 a.C., mas muito tempo antes de Cristo a língua franca falada na região era o aramaico. A literatura em hebraico era apenas para os eruditos. Assim, o aramaico se propagou e era a língua falada por Cristo e seus apóstolos. Alguns trechos do AT foram escritos em aramaico – Ed 4:8 a 6:18; 7:12-16 e Dn 2:4 a 7:28.[12]

Todas as línguas semíticas[13] são de grande importância para o estudioso do AT em sua língua original.[14]

Literatura: com o surgimento da imprensa em 1477, foi feita a primeira impressão da Bíblia Hebraica: o livro de Salmos. Em 1488 toda a Bíblia Hebraica já estava impressa. Antes destes textos impressos, o texto bíblico era registrado em manuscritos (MSS), copiados com muita fidelidade.[15]

Por volta do ano 800, os massoretas inventaram o sistema de acentuação, que dava a pronúncia e exata conexão entre palavras, produzindo a cadência para leitura e recitação nas sinagogas. Estes

[12] Também os Targuns também estão em aramaico.

[13] O siríaco – uma versão do aramaico de Edessa, na Mesopotâmia – também é importante; há importantes versões siríacas do NT. O árabe, outra língua semítica, também possui vasta e rica literatura. O árabe moderno difere do antigo nas suas formas; de um dialeto árabe, o *himiarítico*, deriva-se o *etiópico*.

[14] Nenhum dicionário hebraico pode se considerar satisfatório se não fizer menção constante aos significados dos termos nas línguas cognatas. O hebraico passou por várias modificações durante o período do AT.

[15] Há nos MSS curiosas indicações sobre esta fidelidade. Mesmo certas marcas que não se entendem, talvez feitas por erro ao manusear a pena, são duplicadas fielmente em cada cópia.

sinais foram escritos em um corpo de tradições, a *Massora*, colecionado e transmitido por eles. Por isso este texto chama-se *texto massorético*.

Houve em Israel um longo período de tradição oral antes da escrita.[16] Isso vale especialmente para os livros mais antigos (Gênesis-Josué, Cânticos e Provérbios). Foram inicialmente transmitidos de lugar para lugar, tribo para tribo, e de geração para geração. Entretanto, desde tempos remotos, juntamente com a tradição oral havia uma tradição escrita, que era usada principalmente para textos jurídicos, listas e documentos. Por exemplo, os anúncios proféticos provavelmente foram transpostos para a escrita pouco tempo depois de suas pregações orais.

B) Formação cultural do povo

A Palestina, em virtude da natureza do seu terreno, não é uma região de povoamento isolado, ou seja, homogênea e fechada. Ela é formada por planícies costeiras e regiões montanhosas perto do Jordão, além de estar recortada em depressões, vales, planícies e patamares altiplanos. Isto favoreceu o desenvolvimento do país por setores, levando ao agrupamento dos moradores em blocos com suas próprias características.

Além disso, a Palestina é ponto estratégico no caminho entre o Egito e o Oriente, entre a Mesopotâmia e o mar Mediterrâneo, entre África e Ásia. Por esta razão, esteve no meio de disputas entre estes povos durante séculos.

Quando o povo de Israel chegou à Palestina, já havia ali diversos povos instalados na terra. Os filisteus habitavam em cidades costeiras e dominaram seus vizinhos por alguns períodos. Contudo, os habitantes da terra (cananeus) influenciaram Israel mais do que os filisteus, pois os cananeus se fundiram à cultura israelita, influencian-

[16] Veja, por exemplo, Nm 21:27. Havia cantores de sátira que propagavam as tradições orais; homens e mulheres que recitavam cânticos fúnebres e transmitiam a outros o seu conhecimento (Jr 9:16-17 e Am 5:16).

do na língua, costumes e religião.[17] Os seminômades hebreus necessitaram se adaptar à cultura agrícola, habitando inicialmente nas regiões montanhosas.[18] Com o tempo desenvolveram também o comércio.

Diante disto tudo, de toda essa mistura, é de se admirar que Israel tenha desenvolvido uma cultura homogênea, centralizado em torno de sua religião. A *fé javista* (fé em Javé que os tirou do Egito e os fez entrar na terra da promessa) foi o fator preponderante para manter intacto este povo frente a tantas influências, sem sucumbir e tornar-se algo diferente do que foi projetado a princípio.

C) Informações adicionais sobre o Oriente Antigo

No terceiro milênio a.C., temos uma história documentada pela escrita, a partir dos documentos mesopotâmicos.

Suméria: na Idade Clássica sumeriana, a terra era organizada em sistema de cidades-estados, mas não existia uma unificação permanente e total da terra. Este foi um tempo de relativa paz, posto que as guerras eram esporádicas e localizadas; assim a vida econômica e o comércio puderam se desenvolver. Em volta dos templos (numerosos), as escolas de escrita eram estabelecidas e produziam literatura abundante, narrações de feitos épicos e lendas que eram transmitidas oralmente nos séculos anteriores. A religião sumeriana era um politeísmo altamente desenvolvido e o chefe deste panteão de deuses era *Enlil*, senhor da tempestade. Os sumérios tinham um alto senso de certo e errado e as leis aplicadas na terra eram para eles um reflexo das leis divinas.

Mesopotâmia: Os *acádios*,[19] que são os semitas na Mesopotâmia, eram seminômades. Não há evidência de conflitos raciais com os sumérios. Ao contrário, podemos supor que houve uma grande miscigenação de raças. O primeiro verdadeiro império do mundo foi o Império de *Akkad* (2360-2180 a.C.). Seu fundador foi

---

[17] Estudiosos argumentam que o comércio de sal, enxofre e betume (abundantes na área do Mar Morto) foi a base da economia de Jericó, uma importante cidade de Canaã. Tudo isso já acontecia por mais de 5.000 anos antes de Abraão! Conforme Bright, *História de Israel*, p. 20.

[18] Os hicsos, predominantemente habitantes de cidades-estado, permaneceram até o reinado de Davi e Salomão como fator preponderante na formação histórica. A conquista da terra não eliminou diversos povos e cidades-estado presentes, como se lê em Juízes. Em muitas regiões, esta convivência durou séculos (até Davi).

[19] São denominados de acádios por causa da sede do seu primeiro império – *Akkad*.

Sargão, e ele submeteu toda a Suméria até o Golfo Pérsico. Seus dois filhos o sucederam, bem como um neto seu – *Naramsin*, que era bravo como *Sargão*, seu avô. Dominaram toda a Alta Mesopotâmia além da Suméria. *Naramsin* conquistou *Magan* (nome do Egito) e também entrou em negociações com *Meluhha* (Núbia) e seus domínios chegaram até o vale do rio Indo. As tradições informam que o poder do império derivava de *Enlil*, o rei dos deuses.

Egito: floresce na 3ª Dinastia (2600 a.C.). Foi a idade das pirâmides. A Pirâmide dos Degraus é a mais antiga, construída pelo fundador da 3ª Dinastia em Mênfis para ser um templo mortuário. É a mais antiga construção de pedra lavrada que se conhece até hoje. As pirâmides de *Quéops, Quéfrem* e *Miquerinos*, da Quarta Dinastia, também foram construídas em Mênfis. A Grande Pirâmide tem 147m de altura e uma base quadrada de 217m; em sua construção foram usados 2.300.000 blocos de pedra lavrada, com um peso médio de 2,5 toneladas cada. Foram transportados através de força dos braços, sem emprego de nenhuma máquina e com uma margem de erro praticamente nula.[20] O faraó não era apenas um *rei*, ou um vice-rei que governava sob eleição divina; ele era considerado deus. "*Era Horus visível entre os homens, entre seu povo"*.[21]

Palestina: no quarto milênio, o urbanismo desenvolve-se grandemente e as cidades que conhecemos são predominantemente semíticas e bem fortificadas, como indicam as escavações de Jericó (reconstruída depois de um longo período de abandono), Megido e Ai. Os habitantes da Palestina na época eram praticamente canaanitas e o hebraico era um dialeto de sua língua.

Na Mesopotâmia, Ur é fundada. Sumérios e semitas estavam completamente misturados. Este é o tempo de nascimento de Israel – **Abraão nasce num mundo já antigo, com cultura, comércio, economia, língua, escrita e religião já desenvolvidos**. Enquanto o Egito passava por crises (depois de mil anos de crescimento), a Palestina era invadida por nômades que destruíram todas as grandes cidades, com horrível violência. Sabe-se que Israel não era de "*origem indígena na Palestina, mas sim tinha vindo de alguma parte e tinha consciência disso. Através de um repositório de tradições sagradas, inteiramente sem paralelo no mundo antigo, Israel lembrava-se da conquista que ele fizera de sua terra, da longa peregrinação através do deserto para chegar a ela e das maravilhosas experiências que tivera, e antes de tudo isso, dos anos de escravidão no Egito; também se lembrava como, em séculos mais recuados ainda, os seus antepassados tinham vindo da*

[20] Segundo J. A. Wilson, *The burden of Egypt*, p.54ss, o erro não chega a 0,09% quanto à quadratura e o desvio do nível é menos de 0,004%.

[21] Bright, *História de Israel*, p.39.

Mesopotâmia, peregrinando até a terra que agora eles chamavam de sua".[22]

Entre 2000 e 1750 a.C., o poder de Ur sobre a Mesopotâmia acaba sem deixar sucessor. Outras cidades independentes ganhavam destaque, como *Elam, Asshur* (Assíria) no Alto Tigre e *Mari* no Médio Eufrates. Mari foi uma cidade importante durante todo o 3º milênio; sua população foi predominantemente semita do noroeste (amoritas). Os amoritas, ascendentes do povo de Israel, eram "*habitantes de tendas*", seminômades, segundo antigas listas dos reis assírios. Aproveitando a confusão em Ur, a 1ª dinastia babilônica surge em 1830 a.C., em Babilônia, cidade da qual até então pouco se tinha ouvido.[23] Assim, conclui-se que os povos que foram para a Palestina, nômades semitas do noroeste, não trouxeram mudanças significativas para a terra canaanita, pois eram da mesma origem semítica.

Na luta pelo poder na Mesopotâmia, o grande Hammurabi triunfa. Além de grandes vitórias sobre Mari e Assíria, Hammurabi obteve um grande florescimento cultural e legal, com o código de leis que publicou no seu reinado. Era uma compilação de tradições orais do passado, muito semelhante ao Código de Leis da Bíblia (em Êxodo); certamente vieram da mesma fonte. Enquanto isso, o Egito desmoronava. Os *hicsos* ("chefes estrangeiros") infiltraram-se ali; provavelmente eram de origem noroeste-semítica. Eles adoravam os deuses canaanitas ou amoritas e seu deus principal era *Baal*. Por volta de 1540 a.C., os invasores *hicsos* foram expulsos do Egito pelo fundador da 18ª Dinastia. Babilônia não tem a mesma sorte que o Egito e cai pelas mãos dos cassitas e finalmente dos hititas (1530 a.C.).

D) A época dos patriarcas

Os patriarcas da história de Israel (Abraão, Isaque e Jacó), a partir de Gênesis 12, relatam que vieram da Mesopotâmia e que tinham peregrinado pela terra que mais tarde seria deles. Nenhum povo antigo tem mais tradição do que este, em sua beleza história, literária, teológica, sem paralelo em nenhuma tradição histórica de povos da antiguidade.

Por muito tempo a tradição histórica da época moderna considerou Abraão, Isaque e Jacó como figuras pertencentes a um mito. Dizia-se que tinham sido criados pela tradição antiga de Israel para dar consistências às suas crenças. Hoje, porém, depois de muitas desco-

[22] Bright, *História de Israel*, p.52.

[23] Bright, *História de Israel*, p.55.

bertas arqueológicas,[24] percebe-se que a Bíblia sempre teve razão!

O contexto das narrativas patriarcais é de tal forma verossímil, diante das evidências registradas, que hoje são consideradas narrativas históricas. Por exemplo, no 2º milênio aparecem nomes que se enquadram perfeitamente com o nome dos patriarcas:

- Jacó = *Ya'qub-el*, nome de um chefe *hicso* num texto do 18º século na Alta Mesopotâmia e também numa lista (de Tutmosis III) do 15º século na Palestina.
- Abraão = *Abamram*, aparece em textos babilônicos, nos textos das Execrações e em texto de Mari.
- Terah = *Til-turakhi*, em textos assírios das proximidades de Harã.
- Benjamim = *banu-yamina* ("povos do sul" ou *yaminitas*), aparece como sendo uma grande confederação de tribos.
- Além disso, Zebulon é encontrado nos textos das Execrações; nomes com as mesmas raízes de Gad e Dan são conhecidos em Mari; Levi e Ismael ocorrem em Mari; Aser e Issacar são nomes encontrados numa lista egípcia do 18º século.

As peregrinações dos patriarcas e seu modo de vida não devem ser confundidos com o modo de vida dos nômades que peregrinavam em camelos, os quais só aparecem na Bíblia na época de Gideão (em Juízes). Os patriarcas eram criadores de pequeno gado, seminômades, com roupas multicoloridas, levando seus pertences e filhos em lombo de burros; os contratos e tratados eram sempre firmados com a morte de um asno,[25] como vemos pintados num túmulo do 10º século em

[24] Textos como os de Mari (25.000 textos de 1800 a.C); milhares de textos capadócios do 19º século; milhares de documentos da 1ª dinastia babilônica (19º ao 18º século); textos de Nuzi do 15º século; placas de Alalakh, do 17º e 15º séculos; placas de Ras Shamra do 14º século, mas com material muito mais antigo; textos das Execrações e outros documentos do Médio Império Egípcio (do 20º ao 18º séculos); e muitos outros.

[25] Por isso os habitantes de Siquém são chamados de "filhos do asno" (*benê hamôr*), numa referência à aliança feita. Seu deus era *Baal-berith* – "Senhor da Aliança".

Beni-Hasan, no Egito.

O nome *hebreu* vem da designação do nome de Héber (Gn 11:14-17). O termo *ibri*[26] é achado em diversos documentos desta época. *Hebreu* como nome para o povo foi usado principalmente a partir do Egito. O nome judeu (alguém proveniente da nação de Judá) só foi usado após o cativeiro Babilônico, pois apenas esta parte do antigo Israel sobreviveu.

E) Informações adicionais sobre os pressupostos culturais

Os hebreus sofreram influências de diversas civilizações, como Mesopotâmia, Egito e os povos cananeus. "Acrescenta-se a isto o fato de Israel ter-se mantido permanentemente vinculado ao Egito a cuja esfera de influência cultural e por vezes também política pertencia a Palestina. Por fim, as potências do Oriente deixaram aí também os seus vestígios, desde os sumérios, babilônios e assírios até os persas, seja por intermédio das migrações dos israelitas seminômades, seja através do cananeu, ou mais tarde por um contato direto".[27]

Diante disso, pode se concluir que a cultura oriental antiga formava um só bloco como é hoje a cultura europeia. Mas, ao olhar de perto, veremos claramente as diferenças culturais, Há muitas influências diretas e indiretas umas nas outras, porém há pontos característicos, diferenças e contrastes em cada uma delas.

O desenvolvimento cultural na Mesopotâmia ajusta-se ao término da Era Neolítica (da Pedra); começa a Era Calcolítica (da pedra e do cobre), que vai do 4º milênio até os umbrais da história do 3º milênio. Esse foi um período em que a cultura mesopotâmia floresceu grandemente. A agricultura desenvolveu-se para atender a densidade populacional. A drenagem e a irrigação tiveram avanços importantes e à medida que o comércio e a vida econômica se desenvolviam é que surgiram as mais antigas cidades-estados. No progresso cultural e artístico tão bem desenvolvido entra a criação da escrita (3300 a.C.). Por este tempo os vales ribeirinhos da Alta Mesopotâmia eram bastantes povoados. Deste tempo há numerosas estatuetas de barro encontradas em escavações, com figuras de animais e principalmente de mulheres em posição de parto – o que indica provável veneração à "deusa mãe". Em outros lugares, as estatuetas de barro mostram mulheres de có-

[26] Significa "do outro lado", pois Abraão (descendente de *Heber*), o pai da raça, veio do outro lado do mundo para a sua terra.

[27] Georg Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 19.

coras, indicando culto à fertilidade.[28]

Por volta do 2º milênio a.C., os fenícios desenvolveram uma escrita, adaptando-a de caracteres cuneiformes (babilônicos). Era uma escrita consonantal, com caracteres próprios. Daí veio o alfabeto hebraico antigo e também o grego por volta do século IX a.C. A língua aramaica provavelmente se origina de um dialeto que evoluiu no leste da Síria ou noroeste da Mesopotâmia. Isto nos mostra que os antepassados de Israel eram do mesmo tronco étnico e linguístico que os arameus; portanto Israel podia lembrar sua origem na "planície de Aram" e falar do seu progenitor como sendo um "arameu errante" (Dt 16:5). Os israelitas conheciam bem a profusão literária, tanto egípcia quanto babilônica, profusão esta que não se estendia em grandes tratados históricos, mas em pequenos feitos literários em abundância. A literatura épica cananéia forneceu bastante acervo aos hebreus. Apesar de tudo isso, prevalece ainda a fé javista permeando e purificando a literatura de Israel. A crença de que Deus controla o destino das nações é determinante para a formação de um composto literário rico, único e homogêneo, sem as influências perniciosas da literatura externa.

F) Religiosidade em Israel e países vizinhos

Os hebreus desde o começo tiveram uma religião revelada. Não era uma religião natural ou filosófica como vemos em muitos povos da antiguidade.

A história de Israel sempre esteve intimamente ligada à vontade de Deus, tudo dependendo das reações do povo de Israel, em anuência ou desobediência. Até os seus reis são vistos em primeiro lugar não por suas conquistas ou poderio econômico, mas são medidos principalmente pela sua fidelidade (ou a falta dela) para com Deus.

---

[28] Isso nos remete para o tempo em que Adão e Eva pecaram e em que foi lançado por Deus o fundamento do evangelho, o nascimento do Messias através da mulher. Esse Messias viria para libertar, para pisar a cabeça da serpente. Através dos séculos que se seguiram deu-se importância à procriação porque se pensava sobre o nascimento do Messias através de uma mulher. Era uma busca do filho varão, cultura essa que influenciou todos os povos que conhecemos até hoje, em que se valoriza mais o varão que a varoa. Muitas vezes a mulher é simples objeto, que pode ser comprado e disposto da maneira como quer. Esta presença de culto à fertilidade, ou culto à deusa mãe, retrata muito bem a presença da esperança, ainda que de maneira errada, no nascimento do Messias. Era o Messias sendo esperado por todos os povos da terra!

O monoteísmo é o conceito central da religião bíblica: Javé é o único Deus. A Lei é de importância central nesta religião, pois explica e determina a vontade de Javé.[29] A fé javista *"constitui a força determinante que, ao contrário dos pressupostos desfavoráveis, possibilitou a formação de uma literatura israelítica autônoma, que se distingue fundamentalmente das demais literaturas do Antigo Oriente pelo seu pensamento religioso. Trata-se, na realidade de um processo que se prolonga ao longo dos anos, por vários séculos e seria por demais simplificar as coisas, se quiséssemos limitá-lo à época que vai até os reis. Neste período, encontram-se apenas as raízes de onde, pouco a pouco, se desenvolveu a teologia israelita, onde se torna claro que as forças propulsoras da fé javista são as ideias da soberania divina e da união com Deus*".[30]

A religião patriarcal era uma religião sacerdotal, posto que o chefe do clã, ou o pai de família era o seu sacerdote. Quando chega a Moisés, esse ofício é institucionalizado e uma tribo em Israel é escolhida para fazer os serviços dos sacerdotes. Esta fé veio lutando contra a idolatria desde o seu surgimento.[31] É uma religião que enfatiza a responsabilidade moral pessoal; crê na recompensa, como crê no castigo; a salvação pessoal é uma doutrina que se desenvolveu naturalmente a partir da crença na ressurreição do corpo.

Por isso tudo, dada a diferença entre a religião em Israel e nos povos vizinhos, a fé judaica se tornou etnocêntrica (voltada apenas para seu povo). Os fariseus ensinavam que a salvação só podia ser obtida pela fé judaica, através da leitura e observância cuidadosa da lei mosaica dada exclusivamente a Israel. Infelizmente, isto é uma

---

[29] A religião dos patriarcas era centrada em Javé, apesar de a Bíblia só usar o nome Javé quando chega em Moisés. Antes usa apenas Elohim (Deus) e seus compostos – El Shaddai, El Elyon, El Olam, El Roi, Javé Jhirê, El Bethel. O Deus dos patriarcas era representado por diversos nomes: *o Deus de Abraão* (*elohê abraham*) – Gn 28:13; 31:42, 53; *o Temido de Isaac* (*pahad Yishaq*) – Gn 28:42,53 e *o Poderoso de Jacó* (*abir Ya'qob*) – Gn 49:24.

[30] Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento*, p.22.

[31] Abraão veio de um povo politeísta e, com certeza, teve influências disso em sua vida. Também ele e seu povo peregrinaram por terras idólatras.

deturpação do princípio de Deus, pois ele planejou ser glorificado com a salvação de pessoas dentre todos os povos.

As religiões da antiguidade assumem diversas formas, mas são em geral *politeístas* (poli = muitos; theos = deus; "muitos deuses") ou *henoteístas* (heno = um; "um deus"). No henoteísmo crê-se que há vários deuses, mas o fiel adora apenas um deus. Vemos um exemplo disso no Egito: o faraó Iknathon promoveu a adoração exclusiva a *Aton*, o deus-sol, mas os demais deuses não foram descartados. Somente em três religiões no mundo encontramos o monoteísmo (só existe um Deus): no cristianismo, no islamismo e no judaísmo.

Abraão não era idólatra, mas vivia rodeado de idolatria. No princípio, o homem tinha um só Deus; no Jardim viveu em comunhão com ele até que o pecado veio para subverter a raça humana. Desta forma, diversas manifestações do pecado tomaram a natureza como tendo vida em si mesma. A partir daí, desenvolveram-se teorias diversas sobre seres deificados, homens transformados em seres divinos, numa clara demonstração da atuação de Satanás no meio da história para confundir e prevalecer contra o povo de Deus, induzindo-os a olharem para a criatura no lugar do criador. Apesar de o pai de Abrão ser idólatra (Js 24:2) e também os seus conterrâneos, Abraão demonstra ser monoteísta, sem dúvida por divina revelação. Ou seja, Deus manifestou-se a ele pessoalmente, numa revelação direta. Em meio ao pecado e às influências culturais que nos cercam, somente a revelação direta do nosso gracioso Deus pode nos colocar no caminho certo!

Para o próximo encontro

Como líder, leia o capítulo 1 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.



1 VALE A PENA LER O ANTIGO TESTAMENTO?

Fé não é o apego a um santuário, mas uma peregrinação infindável do coração. Espera audaciosa, cânticos ardentes, planos ousados, um ímpeto inundando o coração, invadindo a mente – tudo isso é o impulso que nos leva a amar aquele que toca o coração como um sino.

Abraham Heschel

Objetivos deste estudo

- Estimular a leitura do Antigo Testamento ao descrever seu valor para nós hoje
- Compreender o plano divino ao formar um povo escolhido

Introdução

Existem muitas barreiras para a leitura do Antigo Testamento e para sua boa compreensão nos dias de hoje. Uma das barreiras principais é que os textos não parecem fazer muito sentido hoje. Quando conseguimos entender o que o texto diz, isto muitas vezes agride o nosso ouvido pós-moderno.

Mas é essencial que leiamos o Antigo Testamento (AT), pois ele amplia a visão que temos do Deus Criador e de seu relacionamento conosco. O AT é muito atual, pois nos ensina sobre o nosso mundo e sobre o propósito de nossa existência.

Outro motivo para estudarmos o AT é que ali percebemos o tipo

de história que o Senhor Deus está escrevendo. Ele não se impressiona com tamanho, poder ou riquezas, mas sim com a sinceridade de coração e a devoção a ele. A lição mais importante do AT é que nosso Criador deseja se relacionar intimamente conosco, suas criaturas.

Ainda outra lição significativa do AT é que ele narra histórias sobre pessoas complicadas e pecadoras, assim como nós. Ninguém é perfeito – até mesmo Moisés cometeu diversos erros! O AT nos oferece uma história da qual nós podemos fazer parte, pois ele apresenta um Deus gracioso que nos aceita como somos e nos desafia à transformação em meio à caminhada diária com ele.

Qual é o valor do AT para nós?

Contrário à visão de muitos evangélicos, o Antigo Testamento não é uma parte das Escrituras superada pelo evangelho de Jesus ou com valor menor à luz da graça de Deus. Uma visão assim é contrária ao alto valor atribuído pelos reformadores a toda a Bíblia (tanto Lutero quanto Calvino).

Toda a Escritura nos é útil (veja 2Tm 3:16) e ela forma um todo que aponta para Cristo:

- Aponta para a predição de sua vinda desde a criação do ser humano por Deus e sua opção de desconexão e rebeldia para com este mesmo Deus Criador;
- Aponta para o entrelaçamento de todos os eventos da história humana por um Deus único. Ele é Senhor da história e da sua criação, por isso tais eventos são misteriosamente usados para realização dos seus objetivos;
- Aponta para sua morte sacrificial e substitutiva em favor do ser humano na cruz como Servo de Deus;
- Aponta para a salvação obtida por alto preço – preço de sangue – ali na cruz e para a ressurreição do próprio Cristo dentre os mortos. Esta salvação é disponibilizada por meio da *graça* (favor imerecido) de Deus a todo aquele que crê na

eficácia perdoadora e regeneradora de sua obra, a qual nos dá nova vida e propósito. A *fé* é o meio de apropriação desse favor imerecido;

- Aponta para o estabelecimento de uma comunidade única dos que creem ao longo da história. Ela é uma nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus (1Pe 2:9-10), e responsável por:
    - Anunciar essa reconciliação com Deus que está disponível a todos os que creem;
    - Implantar e promover os valores do Reino de Deus neste mundo, espalhando redenção em Cristo a todas as esferas da vida humana e à sua criação;
    - Adorar o Deus triúno.
- E aponta para a derradeira restauração da história humana, para a qual caminhamos e pela qual ansiamos. Neste momento Cristo terá a vitória final sobre o inimigo (Satanás) e sobre todos os reinos humanos. Ali cessará todo sofrimento decorrente da rebelião inicial de sua criação. Seremos, enfim, transformados e aperfeiçoados para desfrutarmos para sempre da comunhão com Deus face a face.

Ao lermos as Escrituras, não podemos negligenciar esta *complementaridade* entre o Antigo e o Novo Testamento. Caso contrário, deixaremos de perceber a coerência dos propósitos eternos divinos. Esta coerência se manifesta claramente pela *revelação progressiva* de Deus à humanidade.

Por exemplo, os profetas do AT são fundamentos da fé cristã, particularmente Isaías. Jesus, após sua tentação no deserto, dá início ao seu ministério na Galiléia falando nas sinagogas. Em Nazaré, onde morava, leu na sinagoga o texto de Isaías 61 sobre a obra do Messias (o Servo do Senhor) aguardado até então. O Servo é apresentado como a pedra fundamental da igreja tanto em Ef 2:20 como em 1Pe 2:4-10, juntamente com o ensino dos apóstolos e dos profetas.

O livro de Isaías é muito rico em significados teológicos. Fala

sobre a natureza de Deus e seu caráter, e sobre seu controle sobre a história humana e a história de seu povo. Ensina sobre o pecado e a necessidade de julgamento, mas também sobre o renascimento de seu povo através do remanescente. Profetiza a natureza do ministério do Messias e a consequente reconciliação do ser humano com Deus. Discorre sobre a soberania, santidade, justiça e graça divinas. Explica que esta graça se manifesta na pessoa do Servo sofredor, rei, sacerdote e profeta, o qual está empenhado em obedecer ao Pai e ser o resgatador de seu povo, a preço de sangue.

Assim, ler o texto de Isaías nos permite conhecer mais profundamente a necessidade do Messias e a natureza de seu ministério. Permite-nos compreender melhor o NT e apreciar o cumprimento das muitas profecias sobre o Messias contidas em Isaías. Este mesmo princípio se aplica a praticamente todos os demais livros do AT!

Estudo

1. Quais são as barreiras que você encontra para ler o Antigo Testamento?

Explore com o grupo as possíveis dificuldades que já tiveram em entender os textos do Antigo Testamento. Anotá-las é um bom exercício, mas não tente explicá-las! Elas são basicamente devidas às grandes diferenças culturais entre nossa civilização ocidental e as civilizações daquela época. O material exposto no capítulo anterior a este pode ajudá-lo a entender um pouco mais sobre o assunto.

2. Por que, então, você deveria ler o Antigo Testamento?

O Antigo Testamento apresenta, a partir de Gênesis 12, a formação do povo de Deus e suas diversas peregrinações num labirinto de línguas, povos e culturas distintas. Mas o texto bíblico também mostra que a mão divina estava presente ali, levando-os de lugar para lugar e de cultura para cultura, mas preservando o que queria e deixando claro o que não era para ser assimilado pelo seu povo. Paulo, em 1Co 10:11, explica que as experiências do povo de Deus no AT foram escritas para que aprendêssemos com elas.

No meio de povos politeístas, Deus formou um povo centrado em um só Senhor. Apesar de muitos problemas em seu próprio meio (quedas, idolatria, tentativa de abandono de Deus e de seu governo sobre eles), este povo de Deus é continuamente disciplinado e amado por Deus. O Senhor os leva a continuarem sua caminhada de fé e a retornarem ao culto e à adoração voluntária ao Criador do universo.

No meio das diversas influências do mundo antigo, a eterna e soberana vontade de Deus separou e preservou esta cultura israelita, dando a este povo as suas características peculiares. Por quê? Porque Deus desejava que este povo fosse luz para todas as nações, anunciando as virtudes do seu Criador (veja 1Pe 2:9). Observe que este também é o nosso chamado como povo de Deus hoje! Temos, portanto, muito a aprender com o povo de Deus do passado.

3. Mas o que o Antigo Testamento tem a ver com Jesus?

Deus preparou este povo para poder se encarnar em meio a eles por meio de seu Filho Jesus. Por meio da descendência de Abraão todas as famílias seriam abençoadas (Gn 12:1-3). Isaías proclama que a partir de Israel o Senhor Deus oferece salvação a todas as nações do mundo (2:1-5; 60:1-3; 49:5-6). Isto acontece por meio da vida e da obra de Jesus. Jesus é o suprassumo da revelação da Palavra de Deus, da sua vontade, de seu amor, da sua bondade, do seu propósito, de sua redenção, do projeto de salvação para o seu povo. Jesus também está no centro da mensagem do Antigo Testamento!

4. Israel tinha clara consciência de ser um *povo escolhido*. Como isto afeta nossa vida hoje?

A consciência de ser um povo escolhido por Deus sempre foi muito forte em Israel. Esta mesma consciência deve servir de base para lidarmos com nossa própria vida! É este mesmo Deus que nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos dele em amor (Ef 1:4) e nos predestinou para sermos conforme a imagem de seu Filho (Rm 8:29). Fomos gerados por meio da graça que há em Cristo para a fé, perseverança e glorificação final em Cristo Jesus. Somos levados por Deus, numa demonstração de livre propósito e soberana vontade,

para habitar na sua presença na eternidade, para a glória dele!

Observe que, assim como o povo de Israel, nós fomos escolhidos com um propósito: viver missionalmente. Ou seja, viver para anunciar às pessoas ao nosso redor as glórias do nosso Deus!

Para refletir e praticar

1. O Antigo Testamento ocupa ¾ da sua Bíblia! Deus se revela de muitas maneiras através destes textos. Você tem se dedicado a ler e estudar os livros do AT?
2. Como você pode implementar esta consciência de ter sido escolhido para uma missão em sua vida? O que isto muda no seu cotidiano?

Para o próximo encontro

Leia, por favor, Jó 1-3.

Como líder, leia o capítulo 2 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.

Lista de orações

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Lista de presença



Detalhe da Obra "Abraão e os Três Anjos" de Giovanni Battista Tiepolo

2 JÓ: SOBERANIA E DOR

Que vantagem tem o leão em meter medo no ratinho? – Carl Jung.

Objetivos deste estudo

- Aprender um pouco mais sobre a soberana graça de Deus
- Entender e rejeitar a doutrina da retribuição divina
- Aceitar a dura verdade de que Deus também é glorificado através do sofrimento de seus servos fiéis

Introdução

O livro de Jó se concentra no problema do sofrimento humano. Ele nos frustra ao rejeitar respostas simples e nos mostrar uma nova direção.

O livro trata da disputa pela fé de Jó. Será que ele vai confiar em Deus ou negá-lo? Jó está no banco dos réus. Embora revele que Jó nada fez de errado e que sofre por causa de uma disputa celestial, o autor mantém o mistério de como Jó reagirá. A acusação feita por Satanás implica que Deus não é digno de ser amado em si mesmo, que as pessoas o seguem somente porque ganham algo com isso. Em seu desafio, Satanás se revela como o primeiro grande behaviorista. Ele argumenta que Jó está condicionado a amar a Deus.

Deus permite o duro teste com Jó. Jó se sente traído por Deus e deixa transparecer protestos irados contra seu Criador. Mas o segredo

é que Jó está certo! Jó é aprovado no teste por agarrar-se à crença em Deus, mesmo com evidências em contrário. No final do livro, o discurso de Deus surpreende por aquilo que ele não diz: evita completamente o tema do sofrimento e ainda critica Jó por sua visão limitada.

O livro de Jó nos ensina que, quando a fé parece impossível, é exatamente aí que mais precisamos dela. Deus se importa mais com nossa fé do que com nosso prazer. O fato é que a fidelidade da pessoa faz toda a diferença. Somos soldados rasos numa batalha espiritual de relevância cósmica. Nunca vamos saber o significado completo das nossas ações aqui.

Informações adicionais sobre o livro

Data e autoria:[32] o livro não indica autor nem data de composição. Trata-se de uma obra anônima; qualquer afirmação sobre autor ou data só pode ser inferida a partir de evidências externas.

Estudiosos conservadores tratam o livro como um todo literário.[33] Alguns até citam a tradição judaica mais antiga, a qual afirma que o livro foi escrito por Moisés. Tal datação antiga concorda com a visão de que um livro histórico tende a ser mais confiável se escrito próximo aos eventos que relata. Como o livro de Jó narra sobre um período antigo, é fácil acreditar que também foi escrito naquele período.[34]

Alguns estudiosos conservadores, entretanto, têm datado o livro no período salomônico, no VIII século, ou deixado a data em aberto.[35] Esta última opção é a

[32] Dillard e Longman, *An Introduction to the Old Testament*, p. 200.

[33] Outros estudiosos menos conservadores acreditam que os diálogos (Jó 3-21) formam o coração do livro, ao qual foi adicionada mais tarde prosa popular como moldura (veja abaixo). Ainda outros estudiosos defendem que os discursos de Eliú e Javé e o poema à sabedoria (cap. 28) foram adições posteriores. Na verdade, há pouca concordância na comunidade acadêmica sobre o que constitui o texto original do livro e o que foi adicionado posteriormente a ele.

[34] Muitos defendem que a linguagem do livro é mais recente e que, portanto, o livro teria sido escrito muito depois do que se acredita. Porém, não há razão para duvidar que o livro possa ter sido atualizado em termos de linguagem. De qualquer forma, as evidências são ambíguas e há forte defesa da escrita em uma época mais antiga.

[35] Alguns conceitos religiosos do livro podem ter surgido apenas mais tarde na história de Israel. Embora seja errado adotar uma visão evolucionária rígida do desenvolvimento dos conceitos religiosos no AT, por outro lado é também verdade

mais viável tendo em vista a falta de evidências. Como afirma Elmer B. Smick, *"Não sabemos quem escreveu o livro, mas seu trabalho tem testemunhado às almas dos fiéis através dos tempos de que é divinamente inspirado*".[36]

Contexto e história: o pano de fundo histórico não provê pistas sobre a data de composição, mas o enredo está definitivamente colocado no período dos patriarcas. Jó é um patriarca *gentio* como Abraão. A grande fortuna de Jó é medida em termos de número de cabeças de gado de sua posse e servos que ele emprega (Jó 1:3; 42:12). Ele também era o cabeça de uma família grande, da qual ele servia como sacerdote, tanto quanto Abraão o fez por sua família. Por exemplo, Jó oferecia sacrifícios (1:5), um ato impensável após o estabelecimento do sacerdócio formal pelas instruções divinas a Moisés no monte Sinai. Além disso, a idade de Jó excede em muito a dos patriarcas: ele viveu ainda mais 140 anos após sua restauração (Jó 42:16). O mais interessante é que Jó não é um Israelita. Uz, embora não possa ser localizada de forma definitiva,[37] estava fora dos limites de Israel.

Em termos da linha de progressão em direção ao plano redentor de Deus para a humanidade, Jó é mais bem compreendido como tendo vivido antes do estabelecimento da aliança de Deus com Abraão, a qual vai delimitar a comunidade da aliança para uma família específica (Abraão e seus descendentes).

Estrutura: o texto de Jó apresenta uma moldura de prosa (Jó 1-2 e Jó 42:7-17) envolvendo um conteúdo em forma poética.

A estrutura do livro propicia um esboço claro:[38]

Jó 1-2	**Prólogo em prosa: introduz personagens e enredo**
Jó 3-31	Diálogos de Jó com seus três amigos[39]

---

que a Bíblia descortina vagarosamente a verdade na medida em que a história da redenção progride. A angelologia presente no livro, incluindo a visão sobre Satanás, surgiu provavelmente num período mais tardio da história (pós-cativeiro). Felizmente, nada significativo está em jogo neste livro por falta de data de composição.

[36] Elmer B. Smick, "Job", *The Zondervan NIV Bible Commentary*, p. 742.

[37] Uz é uma região de difícil localização, quer seja a partir da história sagrada ou da secular. Entretanto, referências bíblicas e da tradição oferecem indicações para sua localização: 1) Era uma terra de muitas pastagens (Jó 1:3); 2) Porções da terra eram adequadas à agricultura (Jó 1:14); 3) Estava próxima ao deserto (Jó 1:19); 4) Era suficientemente vasta para ter um número de reis ou Sheiks (anciãos) sobre muitas tribos ou povos (Jr 25:20); 5) Estava situada de forma a estar mais ou menos próxima das tribos de Temã, Suá , Naamate , Buz (32:2) e Dedã (Jr 25:23).

[38] Dillard e Longman, *An Introduction to the Old Testament*, p.201.

[39] David Clines sugere englobar os capítulos 3 a 42 como "diálogos", em F. F. Bru-

	Jó 3	O lamento de Jó
	Jó 4-27	Três ciclos de diálogos
	Jó 28	O poema sobre sabedoria divina
	Jó 29-31	O último discurso de Jó
Jó 32-37	O monólogo de Eliú	
Jó 38-42:6	Javé fala do meio da tempestade	
Jó 42:7-17	**Epílogo em prosa: leva a narrativa ao final**	

Já os três ciclos de diálogos entre Jó e seus amigos (capítulos 4 a 31) podem ser representados da seguinte maneira:

Primeiro Ciclo	**Segundo Ciclo**	**Terceiro Ciclo**[40]
Elifaz (Jó 4-5)	Elifaz (Jó 15)	Elifaz (Jó 22)
Jó (6-7)	Jó (16-17)	Jó (23-24)
Bildade (8)	Bildade (18)	Bildade (25)
Jó (9-10)	Jó (19)	Jó (26:1-27:12)
Zofar (11)	Zofar (20)	Zofar (27:13-23)
Jó (12-14)	Jó (21)	Jó (28-31)

Gênero literário: que tipo de livro é Jó? Difícil de responder, pois nada é igual a ele, o livro é único. Prosa, poema à sabedoria, literatura de sabedoria? A melhor definição para este gênero único seria "debate da sabedoria". Isto descreveria tanto sua forma como o conteúdo. No coração do livro está a questão *da fonte de sabedoria* (veja abaixo); as várias falas no livro tanto clamam para si a sabedoria quanto disputam a sabedoria dos outros.

A discussão sobre ser um livro histórico ou ficcional não é fácil de ser respondida, pois um livro pode ter um *centro histórico* sem uma preocupação por *precisão histórica*. Diversos fatores indicam que Jó não seja pura ficção, mas que esteja sim arraigado num evento histórico. As primeiras linhas de um texto oferecem pistas importantes para identificação do gênero do mesmo. No caso de Jó, seus primeiros versos são similares aos de Jz e 1Sm, duas passagens que comunicam eventos históricos. Além disso, o homem Jó é mencionado 3 vezes fora do livro, sendo 2 ao lado de outras figuras históricas do AT: Noé e Daniel (Ez 14:14-20).

Assim, há uma intenção histórica no livro. Devemos entender Jó como uma

---

ce (ed.), *New international Bible commentary*.

[40] Os discursos dos amigos de Jó ficam mais curtos no último ciclo, refletindo que os três talvez estejam sem ter o que mais falar!

pessoa de verdade que viveu no passado e que sofreu. O uso de poesia eleva o livro desde um evento histórico específico para uma história com aplicação universal. O livro deixa de ser uma crônica histórica, torna-se sabedoria, que deve ser aplicada a todos os que o ouvem.

Mensagem do livro

Alguns autores dizem que os principais personagens do livro são Jó, Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú. Porém, Deus é o ser sempre presente ao longo de toda a narrativa. Ele é o personagem principal. Os acontecimentos com Jó foram permitidos por ele, embora fomentados pela inveja de Satanás.

Ninguém escapa às dores da vida. Todos anseiam por compreender a razão dos problemas enfrentados. No livro, Jó questiona: "por que estou sofrendo?". Embora Deus não dê a resposta a esta questão, ainda assim aprendemos muito neste livro sobre o sofrimento.

O livro não formula uma explicação racional para o problema do mal, especialmente em termos da relação da bondade de Deus e sua soberania com o sofrimento do inocente.[41] Jó *não busca restauração e cura*: seu interesse é mais prático, ou seja, ser validado e reconhecido como homem correto e justo. Ele não pede a Deus explicações racionais sobre as causas de seu sofrimento. Nem havia algum pecado horrível pelo qual ele estava sendo punido. Quando Deus finalmente repreende a Jó, o faz devido à sua ignorância (38:2) e presunção enquanto defendia sua causa (42:2), não por Jó ter uma vida dissoluta.

Deus diz a Jó que o ser humano não conhece o suficiente a respeito dos seus caminhos para fazer julgamentos relativos à sua justiça. Jó percebe então que Deus não necessita de conselho para controlar o mundo e que nenhum sofrimento extremo dá o direito de alguém questionar a sabedoria de Deus ou sua justiça. Por isso, Jó se arrepende (42:2-6). Ao se aperceber do poder e da glória de Deus, a atitude rebelde de Jó se dissipa e seu ressentimento desaparece. Ele obtém

[41] Este conceito é chamado de *teodiceia* na teologia.

seu desejo: ser vindicado diante de seus amigos e declarado inocente. Com isso, a visão deles do sofrimento de Jó é refutada.

Curiosamente, ao aperceber-se da grandeza, poder e majestade de Deus, Jó não questiona as razões de seu teste. Nem Deus lhe diz isto voluntariamente. Jó teria que andar pela fé mesmo após ter sido declarado justo diante de seus amigos. O fato de Deus jamais considerar falso o caráter de Jó prova que Satanás havia falhado. Embora Jó não tenha pedido restauração, Deus, tendo alcançado seu propósito maior, agora o restaura. Em seu sofrimento, a despeito de momentos de fraqueza, a correta atitude de Jó superou em muito a de seus detratores, os quais não haviam sofrido como ele. Após todas as suas dúvidas e amargura – sim, Jó as sentiu e expressou –, Jó cresce em direção à maturidade espiritual, e assim ainda pôde orar por aqueles que lhe foram abusivos (42:10).

Estudo

1) Os amigos de Jó defendem uma ideia de causa e efeito no sofrimento. Ou seja, você pecou e por isso está sofrendo. Em qual contexto isso é verdadeiro?

O livro de Jó *desautoriza* a crença comum chamada de *doutrina da retribuição.* Sua premissa básica é apresentada no livro pelos amigos de Jó: "Se você pecar, você vai sofrer; se está sofrendo, é porque pecou". Este é um argumento ainda ouvido hoje em muitas igrejas.

Há um pouco de verdade nessa premissa; a Bíblia ensina que tanto obediência como pecado têm suas consequências próprias. A aliança estabelecida com Abraão e, subsequentemente, ampliada com Moisés é a referência para isto. Ela estabelece leis que, quando obedecidas, encontram bênçãos mas, quando desobedecidas, resultam em maldições (Dt 28). Os livros históricos também deixam claro que os pecados dos reis (e do povo) levaram ao exílio todo o povo. Além disso, Provérbios ensina, entre muitos outros textos, que aquele que segue o caminho de Deus, o caminho da sabedoria, "viverá em segurança e estará tranquilo, sem temer nenhum mal" (Pv 1:33).

Mas os três amigos de Jó exageraram. Eles reverteram a relação de causa e efeito para chegarem à ideia de que "*Se você sofre, então você pecou*". Assim, ao deduzir que "*Jó sofre, portanto ele pecou*", eles afirmam que *todo sofrimento é causado pelo pecado*. Embora o pecado produza sofrimento, é errado deduzir que todo sofrimento é causado por pecados da pessoa envolvida.

2) Leia Jo 9:1-5. Como Jesus explica a cegueira deste homem? Como isto se relaciona com o caso de Jó?

O livro de Jó é o corretivo das Escrituras contra o pensamento distorcido da doutrina da retribuição. O livro nos adverte a não lermos demais nas entrelinhas das situações e vai contra a aplicação *mecânica* de uma teologia de retribuição. O livro faz isso mostrando um homem que sofre por razões outras que não seu pecado. O leitor já sabe desde o prólogo que o sofrimento de Jó não é causado por seu pecado.

Jó sofre pelo mesmo motivo do homem que nasceu cego em Jo 9:1-5: "*Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele*" (Jo 9:3). A dura verdade é que Deus é glorificado através do sofrimento de seus servos fiéis.

3) Analise as motivações de Jó para andar com Deus. Satanás as questiona em Jó 1:9. Por quê?

A dúvida colocada por Satanás em relação às motivações de Jó em andar com Deus (1:9) é, na verdade, uma afronta à própria natureza do caráter de Deus. O questionamento das motivações de Jó questiona indiretamente as motivações de Deus em sua relação com seu adorador. Ele insinua que Deus abençoa as pessoas para receber em troca a adoração delas.

Satanás sempre busca desqualificar a Deus, atacando suas motivações, santidade, amor, bondade e propósitos. Como ***Deus faz o que ele é***, atacar suas motivações é atacar sua pessoa. Não há contradição alguma entre o que Deus faz e sua pessoa santa; suas ações são extensão do que ele é em seu caráter.

No final das contas, Deus não respondeu a todas as questões de

Jó sobre seu sofrimento, mas a simples presença divina fez com que suas dúvidas desaparecessem. Jó descobriu que Deus se importava com ele de forma íntima, e que ele governa soberanamente o mundo. Isto lhe foi suficiente. Foi como se ele tivesse ouvido de Deus: "A minha graça te basta" (2Co 12:7-10). E para nós hoje, basta-nos a graciosa presença de Deus? Ou precisamos de algo mais?

Para refletir e praticar

1. Busque conhecer mais a Deus antes de emitir conceitos sobre a justiça divina.
2. Busque andar pela fé, como Jó, sem se preocupar com nada, só crendo na soberania de Deus.
3. A restauração na vida de Jó não foi consequência da sua obediência, mas sim da graciosa soberania de Deus.

Para a próxima reunião

Leia por favor, Dt 1-2, 7, 28-29 e 34.

Como líder, leia o capítulo 3 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.

Lista de orações

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Lista de presença

O Shemá, credo principal de Israel (Dt 6:4-9)

Shemá Yisrael (***Ouve, Israel***)	שְׁמַע יִשְׂרָאֵל
YHWH Elohênu, YHWH echád. (***Javé [é] nosso-Deus, Javé [é] único!***)	יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה אֶחָד
Veahavtá et YHWH Elohêka (***E-amarás Javé teu-Deus***)	וְאָהַבְתָּ אֵת יְהוָה אֱלֹהֶיךָ
bekol levaveká (***de-todo teu-coração***)	בְּכָל־לְבָבְךָ
uvekol nafsheká (***e-de-toda tua-alma***)	וּבְכָל־נַפְשְׁךָ
uvekol meodêka (***e-de-toda tua-força.***)	וּבְכָל־מְאֹדֶךָ׃
Vehayu ha-devarim haêle (***E-estejam as-palavras estas***)	וְהָיוּ הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה
asher anoki metsaveká hayom (***que eu te-ordeno hoje***)	אֲשֶׁר אָנֹכִי מְצַוְּךָ הַיּוֹם
al levavêka (***sobre teu-coração.***)	עַל־לְבָבֶךָ׃
Veshinantam levanêka (***E-tu-as-inculcarás a-teus-filhos***)	וְשִׁנַּנְתָּם לְבָנֶיךָ
vedirbatá bam (***e-falarás sobre-elas***)	וְדִבַּרְתָּ בָּם
beshivteká bevetêka (***ao-sentares em-tua-casa***)	בְּשִׁבְתְּךָ בְּבֵיתֶךָ
uvlechteká vadêrek (***ao-andares no-caminho***)	וּבְלֶכְתְּךָ בַדֶּרֶךְ
uv-shokbeká uvcumêka. (***e-ao-deitares e-ao-levantares.***)	וּבְשָׁכְבְּךָ וּבְקוּמֶךָ׃
Uqshartam leot al yadêka (***E-tu-as-atarás como-sinal sobre tua-mão***)	וּקְשַׁרְתָּם לְאוֹת עַל־יָדֶךָ
vehayu letotafot ben enêka (***e-serão como-símbolos entre teus-olhos***)	וְהָיוּ לְטֹטָפֹת בֵּין עֵינֶיךָ׃
Uktavtam al mezuzôt (***E-tu-as-escreverás sobre os-umbrais***)	וּכְתַבְתָּם עַל־מְזוּזֹת
betêka uvish'arêka. (***da-tua-casa e-em-teus-portões.***)	בֵּיתֶךָ וּבִשְׁעָרֶיךָ׃

3 DEUTERONÔMIO: UM SABOR AGRIDOCE

Há duas tragédias na vida.
Uma é não realizar o desejo do coração.
A outra é realizá-lo.
George Bernard Shaw

Objetivos deste encontro

- Compreender que Deus deu as leis para seu povo para o próprio bem deles (e nosso).
- Perceber a importância do contato contínuo com a Palavra de Deus para não esquecermos do que o Senhor nos ordenou.

Introdução

Deuteronômio[42] é o quinto livro bíblico; pertence ao conjunto denominado Pentateuco. Moisés escreveu o livro, e este é uma coleção de seus sermões a Israel pouco antes de atravessarem o Jordão (veja 1:1).[43] Estes sermões foram dados durante o período de 40 dias[44] antes de Israel entrar na Terra Prometida.

Após os anos no deserto, uma nova geração de israelitas estava

[42] O nome *Deuteronômio* deriva do título grego na Septuaginta (LXX), que significa "segunda lei, repetição da lei". Origina-se do termo usado em Dt 17:18, traduzida por "cópia da lei". O nome do livro em hebraico é *Devarím* ("Palavras"), tirado da frase inicial do texto.

[43] Obviamente, atribui-se a Josué a redação de Dt 34, que fala da morte de Moisés.

[44] O primeiro sermão foi proferido no 1º dia do 11º mês (1:3), e os israelitas atravessaram o Jordão 70 dias depois, no 10º dia do 1º mês (Js 4:19). Subtraia 30 dias de luto pela morte de Moisés (Dt 34:8) e sobram 40 dias. O ano era 1410 a.C.

prestes a entrar na Terra Prometida. Esta multidão não havia experimentado do milagre no Mar Vermelho ou escutado a Lei sendo dada no Sinai, e eles estavam prestes a entrar numa nova terra com muitos perigos e tentações. O livro de Deuteronômio foi dado para lembrar o povo sobre as leis de Deus e do seu poder. As lembranças que Deuteronômio traria aos israelitas seriam basicamente quatro: a fidelidade de Deus, a santidade de Deus, as bênçãos de Deus e as advertências de Deus.

Além do Shemá (em Dt 6:4-9), outro texto significativo de Deuteronômio está em 32:46-47.

Em resumo, os 3 primeiros capítulos recapitulam a viagem do Egito para a sua localização atual, Moabe. O capítulo 4 é um chamado à obediência, a ser fiel ao Deus que foi fiel a eles. Do capítulo 5 ao 26 apresenta-se uma repetição da lei: os dez mandamentos, assim como leis sobre sacrifícios e dias especiais e o resto da lei. Bênçãos são prometidas aos que obedecem (5:29; 6:17-19, 11:13-15) e fome é prometida àqueles que infringem a lei (11:16-17).

O tema de bênção e maldição continua nos capítulos 27-30. Esta parte do livro termina com uma escolha bem definida que é apresentada a Israel (veja 30:19). O desejo de Deus para seu povo encontra-se no que ele recomenda: "*escolhe, pois, a vida*".

Nos capítulos finais, Moisés exorta o povo, comissiona aquele que irá substituí-lo (Josué), registra uma canção e dá a bênção final a cada uma das tribos de Israel. No capítulo 34 é relatada a morte de Moisés. Ele subiu ao monte Nebo, onde o Senhor lhe mostrou a Terra Prometida, na qual ele não poderia entrar. Aos 120 anos, mas ainda com boa visão e força da juventude, Moisés morreu na presença do Senhor. O livro de Deuteronômio termina com um curto obituário sobre este grande profeta.

Muitos temas do Novo Testamento estão presentes no livro de Deuteronômio. O principal deles é a necessidade de manter perfeitamente a lei mosaica e a impossibilidade de fazê-lo. Os sacrifícios infindáveis e necessários para a expiação dos pecados do povo encontrariam seu cumprimento final "de uma vez por todas" no sacrifício

de Cristo (Hb 10:10). Por causa de sua obra expiatória na cruz, não mais precisaríamos oferecer sacrifícios pelo pecado.

A escolha de Deus dos israelitas como seu povo especial prenuncia sua escolha daqueles que viriam a crer em Cristo (1Pe 2:9). Em Dt 18:15-19, Moisés profetiza sobre outro profeta – o maior profeta de todos, o Messias. Assim como Moisés, ele iria receber e pregar revelação divina e conduzir o seu povo (Jo 6:14; 7:40).

Estudo

1) Durante o seu teste no deserto em Mt 4, Jesus citou Deuteronômio três vezes. Quais são essas citações e o que Jesus quis dizer ao citá-las?

As citações são: Dt 8:3 (Mt 4:4), 6:16 (Mt 4:7) e 6:13; 10:10 (Mt 4:10). Ao fazê-lo, Jesus ilustrou a necessidade de esconder a Palavra de Deus em nossos corações para que não pequemos contra ele (Sl 119:11).

2) Deuteronômio ressalta a importância da Palavra de Deus. Obediência e pecado têm suas próprias consequências. Ninguém está acima da lei. Moisés, profeta escolhido por Deus, tinha também a obrigação de obedecer. Qual foi a razão para Moisés não entrar na Terra Prometida?

A razão pela qual ele não entrou na Terra Prometida foi sua desobediência à ordem clara do Senhor em Nm 20:8 (leia o trecho de Nm 20:2-13).

3) Como os sermões em Deuteronômio transmitiram as leis mosaicas à nova geração? Por que era necessária esta revisão?

Em Dt, Moisés passou ao povo a mensagem básica: "Lembrem-se!". Aparentemente, nada incomoda mais a Deus do que o simples fato de ser esquecido. No deserto, obrigados a depender de Deus diariamente, os hebreus não podiam se dar ao luxo de esquecer. Logo, porém, iam se esquecer de Deus após entrarem na Terra Prometida. O sucesso é o maior perigo que ronda o servo de Deus. Cada ruína sig-

nificativa ocorre ao tomarmos o poder em nossas mãos em vez de confiarmos em Deus.

Os sermões de Deuteronômio vêm nos recordar que a vida com Deus nunca é tão fácil e tão estruturada como gostaríamos que fosse. É preciso progredir enfrentando novos inimigos a cada curva. Contudo, temos um Deus que intencionalmente se esquece de nossos pecados e se lembra de nossa fragilidade. Temos um Deus de graça, que ama incondicionalmente.

Assim como Israel se lembrou da fidelidade de Deus, também devemos fazer o mesmo. A travessia do Mar Vermelho, a presença sagrada no Sinai e a bênção do maná no deserto devem ser um incentivo para nós também. Uma ótima maneira de continuar seguindo adiante é tirar um tempo para olhar para trás e ver o que Deus fez.

Temos também uma bela imagem em Deuteronômio de um Deus amoroso que deseja um relacionamento com seus filhos. O Senhor aponta o amor como o motivo pelo qual ele tirou Israel do Egito *"com mão poderosa"* e os remiu (Dt 7:6-11).

4) Leia Mt 17:1-8. À luz de Dt 34, qual a importância deste momento para Moisés?

A cena da transfiguração de Jesus contém um fato que passa despercebido de muitos cristãos. Moisés não pôde entrar na Terra Prometida.[45] Mas, naquele momento, Moisés finalmente concretizou o sonho de sua vida: ficou de pé no topo de uma montanha bem no meio da Terra Prometida![46]

[45] De acordo com alguns estudiosos, Moisés não entrou na Terra Prometida porque ele representa a Lei, que nos conduz até a porta, mas não nos faz entrar no descanso de Deus. Neste sentido, Josué representa a graça divina, pois seu nome (o mesmo de Jesus) significa "salvador". Só a graça nos conduz até a Terra Prometida onde alcançamos descanso na presença de Deus.

[46] Philip Yancey, *A Bíblia que Jesus lia*, p.102.

Para refletir e praticar

1. A vida de Moisés narrada em Deuteronômio repete constantemente *'foi Deus que fez'*. Tudo na nossa vida foi Deus que fez. Como tem sido sua atitude diante das dificuldades já que é Deus quem fez e fará?
2. Leia Dt 28:1-14.[47] Diante de tantas bênçãos prometidas, como você escolhe se posicionar diante de Deus?
3. Aprenda esta música:[48]

Se tu guardares o que Deus te ordenou,
se o amares de todo teu coração,
se andares nos seus caminhos,
se inclinares os teus ouvidos para obedecer,
todas as bênçãos te alcançarão:
longevidade e multiplicação sobre ti e tua descendência.
Escolhe a vida e possuirás a terra das promessas.

Deus te propõe hoje: a vida e o bem, a morte e o mal.
Vê se escolhe hoje o melhor que Deus tem
para que vivas e possuas a terra que te prometeu o Senhor.

Ame o Senhor, apegue-se a ele (4x).
Ame o Senhor, ame o Senhor,
Ame, ame, ame, ame, ame o Senhor.
Disto depende a tua vida,
disto depende a tua família,
disto depende a tua vida,
disto depende a tua vida...

Deus te propõe hoje: a vida e o bem, a morte e o mal.
Vê se escolhe hoje o melhor que Deus tem
para que vivas e possuas a terra que te prometeu o Senhor.

---

[47] Dt 28:1-2.... = Jo 10:3 e 16 com alusão a Rm 10:17-18.

[48] Ana Paula Valadão, *Deuteronômio 11*, CD "Diante do Trono 11".

Para a próxima reunião

Leia, por favor, os Salmos 1 e 51.

Como líder, leia o capítulo 4 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.

Lista de orações

Lista de presença



4 SALMOS: ESPIRITUALIDADE EM CADA NOTA

Naquela madrugada, por uma porta entreaberta, vi o pastor Bonhöeffer ajoelhado diante de Deus. A maneira submissa e confiante da oração desse homem extraordinariamente simpático abalou-me profundamente. Antes da execução, ele fez ainda uma breve oração. Depois subiu para a forca com coragem e serenidade. A morte ocorreu em poucos segundos. Nos quase 50 anos de exercício da medicina, jamais vi um homem morrer em tal submissão a Deus.[49]

H. Fischer-Hüllstrung

Objetivos desse encontro

- Entender os salmos como poesia que permite às pessoas abrir seus corações diante de Deus.
- Reconhecer os *lamentos* como maravilhosas orações para apresentar a Deus dúvidas, aflições e crises.

Introdução

Pelo fato de conter apenas orações, há um livro que se distingue de todos os demais nas Escrituras. É o livro de Salmos.[50] O livro de Salmos é um dos mais importantes da Bíblia, um dos mais

[49] Dietrich Bonhöeffer, *Orando com os Salmos*, p. 10 e 13.

[50] Parece admirável encontrarmos um livro de orações na Bíblia, sendo esta a Palavra de Deus dirigida a nós. Orações são palavras humanas. Como elas podem constar da Bíblia? Mas os Salmos também são Palavra de Deus. São orações dirigidas a Deus que são inspiradas pelo próprio Espírito Santo. A verdadeira oração flui por meio do Espírito que vive em nós, dirigidas a Deus Pai, por meio de Jesus.

lidos em nossas Igrejas. Os Salmos sempre foram usados pelas pessoas para exprimir sua adoração ao Criador ou quando atravessavam vales escuros, enfrentando terríveis crises de dúvidas ou perseguições atrozes movidas por inimigos sedentos de sangue. João Calvino[51] costumava pregar 2 ou 3 vezes aos domingos em Genebra (Suíça), e um dos sermões era no livro de Salmos[52]. É também o livro do AT citado com mais frequência no NT![53]

Os Salmos são como uma amostra de diários espirituais, como cartas pessoais dirigidas a Deus. Eles dão exemplos de pessoas comuns, lutando freneticamente para harmonizar sua fé com sua experiência cotidiana. São tão difíceis, desordenados e bagunçados quanto a própria vida. Mas juntos, os salmos oferecem uma mistura revigorante de realismo e esperança. Os salmos não tentam abrandar a raiva por meio da racionalização, nem dão conselhos abstratos sobre a dor; em vez disso, manifestam as emoções de forma clara e audível, direcionando seus sentidos principalmente a Deus. Eles nos ensinam que temos o direito de levar a Deus qualquer tipo de sentimento. Não preciso disfarçar. Não há áreas proibidas: inclua Deus em todas as áreas da sua vida! Eles também nos ensinam a adorar e louvar. Louvor é o "bem-estar interno fazendo-se audível" com espontaneidade afetuosa.

70% dos salmos são lamentos, mas estes têm pouco em comum com lamúria e reclamações. Os salmistas lamentavam que a vontade de Deus não estivesse sendo cumprida na terra como no céu. Davi e os outros poetas fizeram de Deus o centro gravitacional da vida deles. Para eles, a adoração era a atividade central da vida. Esses poetas estavam matriculados na escola avançada da fé.

Informações adicionais sobre o livro

O livro de Salmos é conhecido um conjunto de livros de 'poesia hebraica para serem cantadas'. A poesia hebraica apresenta muitas características interessan-

[51] Reformador, teólogo e pastor. Seu sistema teológico estruturou as ideias do movimento Reformado, o qual deu origem mais tarde à Igreja Presbiteriana.

[52] Van Halsema, *João Calvino era assim*.

[53] Matthew Henry, *Concise commentary on the Bible*.

tes, tais como:

a. *Linguagem figurada*: para expressar o que se quer encontramos nos Salmos muitas personificações, metáforas, símiles, metonímia, etc. A linguagem figurada busca encontrar paralelos no mundo conhecido para embelezar ou expressar conceitos de difícil expressão.

b. *Paralelismo*: é em geral uma repetição de ideias[54] que expande o conceito inicialmente formulado usando outras palavras (Sl 49:1; Sl 104 = paralelismo sinonímico). Algumas vezes traz uma complementação (Sl 55:6 = paralelismo sintético) ou um contraste (Sl 1:6 = paralelismo antitético). Pode ainda gerar um clímax (Sl 55:12-13 = paralelismo climático) ou misturar com diferentes tipos de paralelismo (Sl 45:1 = binósfico).

c. *Ritmo*: não é um ritmo tal como os gregos usam, contando sílabas e medindo as palavras, mas sim na entonação – a acentuação das palavras dita o ritmo ao se ler. Todavia, os hebreus não possuíam regras rígidas a este respeito.

d. *Música*: muitos Salmos foram musicados, mas isso não significa que todos o eram.[55] Muitos salmos eram usados no culto do templo de Israel.

e. *Recursos estilísticos*: dentre vários, convém destacar a inversão, um desvio da sequência verbal para enfatizar algo colocado no texto, e a repetição de palavras para salientar certos conceitos.

Autoria e data: A base do saltério é uma coleção de hinos do rei Davi. Após a constituição desta primeira coleção, outras coleções como a dos salmos levíticos, a de Coré (Sl 42 a 49) e a de Asafe (Sl 50; 73 a 83). Algumas se originaram nas principais escolas de cantores (veja 1Cr 6:31 e 39); outras receberam seus títulos como indicação do estilo ou do lugar de origem. A estes grupos foram acrescentados uns poucos salmos anônimos (Sl 33; 84 a 89) e também o Sl 1, introdutório. Nota-se nos salmos uma reverência profunda pela Torá (Pentateuco), como se expressa no Sl 119. Devemos estender essa devoção a toda a Palavra de Deus.

Não é possível explicar como esses grupos de salmos foram selecionados,

---

[54] A poesia em português se caracteriza pela harmonia de sons ao final das frases poéticas. A poesia hebraica se caracteriza pela harmonia e/ou contraste de ideias. Muitas vezes a mesma ideia é expressa em 2 frases com palavras diferentes (por exemplo, Sl 2:3).

[55] Havia cânticos em outras partes, que não eram necessariamente músicas religiosas (Nm 21:17-18 se refere ao um 'cântico do poço' – que parece ter sido uma espécie de coro empregado pelos cavadores de poços para se encorajarem enquanto ocupados em um trabalho árduo como esse).

coordenados e finalmente combinados numa grande coleção. A poucos deles pode-se atribuir uma data definida; uns são de Davi, outros são distintamente pós-exílicos. Outros salmos aparecem dispersos pelo AT (por exemplo, Ex 15:1-21; Dt 32; Jn 2; Hc 3 e até Nm 23-24).[56]

Propósito e destinatários: Philip Yancey diz que durante muitos anos não teve prazer em ler os Salmos, pois não entendia bem o propósito do livro ou porque eram tantos. Finalmente concluiu que lhe faltava um prisma pelo qual ver o livro. Entendeu que devia lê-los como que por cima dos ombros de alguém, pois o público-alvo não era outro senão o próprio Deus. Mesmo os Salmos para uso em público foram preparados como orações coletivas; nesse caso também Deus era o principal destinatário.[57]

Gêneros literários: determinadas características distintivas permitem classificar os salmos em grupos para fins de estudo. Gêneros usuais:[58]

1. Hinos de louvor: facilmente reconhecíveis pelo exuberante louvor ao Senhor. Deus é louvado pelo que ele é e pelo seu poder e misericórdia. Por exemplo, Sl 8; 24; 29; 33; 47 e 48.

2. Lamentos: expressam uma emoção oposta àquela do louvor. No lamento, o salmista abre o seu coração sincera e honestamente diante de Deus; um coração muitas vezes cheio de tristeza, medo ou mesmo ira. Salvo poucas exceções, os lamentos voltam-se ao Senhor com confiança no final. Por exemplo, Sl 13; 25; 39; 51; 86; 102; 120.

3. Ação de graças: após a resposta de Deus a uma oração de lamento. Os três primeiros tipos de Salmos formam uma espécie de tríade. O salmista entoa hinos quando ele está em paz com Deus, profere lamentos quando está em desarmonia com ele e dá graças quando o bom relacionamento é restabelecido. Por ex., Sl 18; 66; 107; 118; 138.

4. Cânticos de confiança: tem na confiança seu sentimento principal. Frequentemente curtos e com alguma metáfora marcante que capta a atitude de confiança do salmista. Por exemplo: Sl 23; 121; 131.

5. Salmos reais: uma vez que Deus, o Rei do universo, é o tema dos salmos e uma vez que Davi, o rei humano, é tanto o salmista como o tema de muitos salmos, o tema do rei é um conceito importante no saltério. Existem alguns salmos

---

[56] F. Davidson, *O novo comentário da Bíblia*, vol. 2, p. 497-498.

[57] Yancey, *A Bíblia que Jesus lia*, p. 103.

[58] *Bíblia de estudo de Genebra*, p. 614.

proféticos que apontam para o Messias de Israel, que haveria de vir, Jesus, profeta, sacerdote e rei. Alguns poucos salmos se destacam pela intensidade com que focalizam a realeza de Deus (Sl 24; 93) bem como o rei humano (Sl 20; 21 e 45).

6. Salmos sapienciais: trabalham temas encontrados nos livros de sabedoria (como o contraste entre o justo e o ímpio), tais como orientações práticas sobre como Deus quer que vivamos. Exemplos: Sl 1, 37 e 49.

Esboço do livro: divide-se em cinco volumes - Sl 1 a 41, Sl 42 a 72, Sl 73 a 89, Sl 90 a 106, e Sl 107 a 150.[59]

Estudo

1) Leia o Salmo 1. Ele é uma introdução ao livro, contrastando a maneira de viver dos justos com a das pessoas que andam segundo a cultura do mundo. Como você tem procurado viver?

Resposta pessoal.

2) Releia o verso 1. Como se desenvolve o compromisso de uma pessoa com o mal? Como podemos evitar esta armadilha?

Note que o verso 1 retrata três ações a se evitar caso desejemos alcançar a felicidade. Elas apontam para um grau crescente de envolvimento com o mal: andar no conselho de quem não teme ao Senhor; deter-se em agir conforme os que fazem coisas erradas; e finalmente tornar-se parte do grupo das pessoas que têm prazer no mal. Estes ridicularizam o que é certo, zombam dos que temem a Deus, menosprezam a Palavra de Deus e seus preceitos.

Contudo, pela ação do Espírito Santo em nós, em geral nós temos claro em nossas mentes o que são bons e maus conselhos. Por exemplo: já que muitas pessoas roubam, e até alguns governantes, por que não dar alguns golpes de vez em quando? Esse é um exemplo de

[59] O nome do livro em hebraico é "*tehilim*", que significa "cânticos de louvor". Os títulos classificam os salmos em gêneros, mas é difícil determinar o significado preciso dos termos. Alguns são encontrados com frequência: *mizmor* = "cântico" (Sl 139); *"shir"*= "cântico"; outros são mais raros. *"Selá"* ocorre com frequência nos salmos. Seu significado é desconhecido, talvez seja "pausa".

mau conselho. Do mesmo modo também discernimos ações e atitudes erradas aos olhos de Deus (pecados). Por exemplo: se eu simular um acidente com o meu carro com o objetivo de conseguir a indenização do seguro, estarei enganando a seguradora, o que sei que é errado.

O Espírito Santo nos alerta sobre o nosso desvio de caminho e opera em nossas vidas para nos fazer voltar ao caminho correto. Este caminho nos levará à felicidade que só a comunhão com Deus pode nos proporcionar.

3) Releia o verso 2. O homem feliz encontra seu prazer aonde?

Ele tem prazer na Palavra de Deus, que lhe proporciona oportunidade de conhecer mais ainda seu Criador. Ele a lê, estuda e medita nela dia e noite. Meditar é ficar pensando a respeito daquilo que leu até incorporar o novo conceito na prática da vida diária. Assim, este homem feliz leva uma vida pia.[60]

No v. 3, o homem temente a Deus é comparado a uma árvore junto a um riacho. Esta árvore nunca enfrenta seca; está sempre verdejante e dá frutos em quantidade e no devido tempo. Tudo quanto o homem comprometido com Deus faz será bem sucedido. Não devemos entender essas palavras como absolutos. Mesmo os servos mais consagrados são pecadores e estão em um contexto de pecado e maldição neste mundo pós-queda (Gn 3). Mas se observarmos as vidas dos que temem verdadeiramente ao Senhor, veremos abundantes bênçãos em suas famílias.

Nos v. 4 a 6, o salmista faz um contraste com os ímpios, aqueles que são rebeldes à voz do Senhor, à Palavra de Deus. Ele afirma que aqueles que não temem ao Senhor estão no caminho de sua própria destruição. Serão condenados por suas escolhas erradas e não subsistirão diante do julgamento final de Deus. Somente aquele que deposita sua confiança no Senhor (e na redenção que Deus provê) pode permanecer na santa presença de Deus.

---

[60] Pia, piedosa, ou seja, devota a Deus, temente a Deus. Contrasta com o termo "ímpio", que significa o oposto (alguém que não teme ao Senhor).

4) Leia Sl 51:1-4. Como você entende o arrependimento do rei Davi? O que é arrependimento para você?

Arrependimento é um dos conceitos mais importantes da Bíblia. Na língua original do AT (hebraico), a palavra usada é *teshuvá*, que significa "retorno, volta". Este termo é bem ilustrado na volta do filho pródigo à casa do pai, ou pela volta da ovelha perdida ao curral nos braços do pastor.[61] Na língua original do NT (grego), arrependimento significa mudança de mente (a palavra é *metanóia*).

O conceito é claro: os valores de uma pessoa arrependida, seus objetivos e comportamentos são mudados radicalmente e ela passa a viver de um modo diferente. Sua mente, seu discernimento, sua vontade, suas afeições, seu comportamento, seu estilo de vida, seus motivos e seus planos, tudo está envolvido nessa mudança. Arrepender-se significa começar a viver uma nova vida.

O chamado ao arrependimento era a convocação fundamental dos profetas ao povo. Eles deviam retornar para Deus, de quem tinham se extraviado (veja Jr 23:22; 25:4-5; Zc 1:3-6). Era também a mensagem de João Batista (Mt 3:2), de Jesus (Mt 4:17), dos doze apóstolos (Mc 6:12), de Pedro no Pentecostes (At 2:38), de Paulo (At 17:30; 26:20) e do Cristo glorificado às igrejas do Apocalipse (Ap 2:5,16,22; 3:3,19). Era parte do resumo feito por Jesus sobre o Evangelho que deveria ser pregado em todo o mundo (Lc 24:47).

O arrependimento é sempre descrito como o caminho para a remissão de pecados e para a restauração do favor de Deus, enquanto que a impenitência, a falta de arrependimento, a rebeldia contra a Palavra de Deus, é o caminho para a ruína (veja At 13:1-8).[62]

5) Leia Sl 51:5. Como você explica o que Davi diz aqui?

Todos nós reconhecemos que cometemos pecados. Entretanto, a Bíblia nos ensina que nós somos pecadores. O pecado faz parte de nossa natureza, desde que nossos pais, em Gn 3, escolheram viver longe de Deus. Isso fica claro nesse texto (Sl 51:5).

---

[61] *Dicionário Português-Hebraico, Hebraico-Português*.

[62] Ibidem, p. 1309.

Veja também o texto de Paulo em Rm 3:9-18. Paulo cita aqui vários salmos.[63] Paulo continua em Rm 3:23: "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Precisamos reconhecer continuamente esta nossa situação de miseráveis pecadores, pois só assim poderemos depender da graça de Deus inteiramente.

6) Leia Sl 51:16-17. Qual é o perigo da religiosidade?

O perigo é realizarmos rituais e cumprirmos regras (muitas vezes escolhidas conforme nosso próprio critério particular) e acharmos que isso é suficiente para agradarmos a Deus. Precisamos voltar a textos como este. Ele nos lembra da necessidade de nos aproximarmos de Deus com espírito humilde e adorador, com coração sincero e contrito.

Jesus tratou esse assunto na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18:9-14). O fariseu colocava-se diante de Deus de forma arrogante e altiva, confiado em seus atos religiosos. Mas o publicano reconheceu sua natureza pecaminosa. Jesus conclui a parábola dizendo que foi o "pecador" que voltou justificado para sua casa. Deus não rejeita o coração contrito!

Comentários adicionais

"Os salmos não fazem teologia", escreve Katheleen Norris. "Um dos motivos é que os salmos são poesia, e a função da poesia não é explicar, mas oferecer imagens e histórias que estejam em ressonância com a nossa vida".[64] Os Salmos são em sua grande maioria orações. Será que eu e você poderíamos fazer essas orações? Será que já sentimos esses tipos de angústias que os lamentos retratam? Será que já explodimos em louvor como nos hinos? Com certeza em várias situações podemos encontrar um salmo que se torne nossa oração e expresse nossas palavras a Deus. Ao enfrentarmos a tentação, ao co-

[63] Nos versos 10-12, ele cita o Sl 14:1-3 // 53:1-3; no v. 13, Sl 5:9 e 140:3; no v. 14, Sl 10:7; e no v. 18, Sl 36:1.

[64] Conforme Yancey, *A Bíblia que Jesus lia*, p. 104.

memorar um sucesso, ao guardar uma amargura, ao sofrer uma injustiça, em cada circunstância há um salmo que mais se aplica!

Observe o exemplo de Jesus. Ele cita o início do Sl 22 quando está na cruz (Mt 27:46; Mc 15:34). Foi uma das últimas frases proferidas por Jesus na cruz (uma das sete "palavras da cruz"). Entretanto, o primeiro a pronunciar essas palavras foi o rei Davi em um dos seus muitos momentos de profundo desespero e desamparo. E sua oração angustiada termina em louvor pela salvação que o Senhor irá prover (veja v.22-31). Ao orar este lamento, Jesus sabia que podia confiar na libertação que seu Pai iria lhe conceder!

Para refletir e praticar

1. Você tem usa os salmos para adorar e louvar a Deus?
2. Quando você enfrenta crises, provações, injustiças contra você ou sua família, você ora com os salmos de lamento, abrindo seu coração, com sinceridade, diante do Senhor?
3. Quando você faz ou pensa alguma coisa errada, você tem exercido arrependimento sincero diante de Deus, com um coração humilde e contrito?

Para a próxima reunião

Leia, por favor, o capítulo 7 de Eclesiastes.

Como líder, leia o capítulo 5 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.

Lista de orações

_____

_____

_____

_____

_____

Lista de presença



5 ECLESIASTES: FIM DA SABEDORIA

Eclesiastes é, em certo sentido, a expressão clássica do tédio extremo, se bem que o tédio é apresentado ali num contraponto tão elevado que sua expressão se torna algo emocionante. Ninguém que tenha prazer em Eclesiastes pode ficar tão entediado quanto Eclesiastes.
Charles Williams

Objetivos deste encontro

- Repensar os propósitos da vida humana e a importância de um relacionamento íntimo com Deus.
- Encontrar proveito no trabalho e na sabedoria.

Introdução

Eclesiastes é um livro desafiador; talvez por isso seja um dos menos lidos hoje. Para seu autor, nada faz sentido; o mundo todo parece desequilibrado e torto. Certamente, vivemos num mundo que ora se comporta conforme regras estruturadas, ora se rende a contradições absurdas.

Este desespero resulta de situações de fartura, mais do que de épocas de privação. E o autor de Eclesiastes capta precisamente este estado de espírito. Ele registrou seu juízo numa época de prosperidade e progresso social incomparáveis. Os bons tempos representam o grande perigo, nossos melhores esforços resultam em ruína. Essa descoberta levou o autor ao desespero.

Deus pôs a eternidade no coração do homem. Ainda assim, a pessoa pode nunca se voltar a Deus. Eclesiastes afirma que certamente não encontraremos o que nos satisfaz no mundo. A devoção exagerada ao prazer paradoxalmente conduz a um estado de total desespero, pois **a vida não tem sentido sem Deus**.

Este é um livro muito atual, pois ainda não aprendemos suas lições mais básicas. Estamos fascinados com as atrações e prazeres do mundo de hoje. Mas o livro serve de advertência clara contra a tentação de depender do sucesso e da prosperidade. É um livro escrito para nos tornar realistas.

Mensagem do livro

Eclesiastes busca responder à pergunta: "Que proveito tem o homem no trabalho e na sabedoria?".[65]

O trabalho e a sabedoria são dois temas principais do livro. Palavras como *vantagem*, *proveito*, *melhor* (Ec 6:8-9) ocorrem inúmeras vezes no texto, assim como *vaidade*, outra palavra importante que transmite a ideia de inutilidade. Essa última palavra-chave é usada no tema que emoldura o livro (Ec 1:2; 12:8).

O autor afirma que a morte faz com que toda sabedoria e trabalho humanos sobre a terra (1:4; 2:11,17) sejam em vão. Esta conclusão não significa que as pessoas devam abandonar a sociedade e a cultura e passar a viver uma vida ascética. Tampouco a prioridade cristã de proclamar o Evangelho para a conversão dos pecadores significa que os cristãos devam abdicar das suas responsabilidades culturais (veja 1Co 15:58).

Ao contrário, Salomão ordena que o povo de Deus desfrute a vida (9:7-10), apesar da sua futilidade, duras realidades e incertezas, e trabalhe com todo vigor. Essa visão prática da vida não constitui estoicismo grego, tampouco um produto do esforço humano, é um dom de Deus (veja 3:13; 5:19), para aqueles que o temem e guardam os seus mandamentos (confira 5:1-7; 12:13-14).

[65] Bíblia de Estudo de Genebra, p. 768.

Eclesiastes ensina tanto a responsabilidade humana em obedecer a Deus com alegria, como também a soberana provisão de Deus da capacidade de obedecer.

Eclesiastes se atém à questão de como as pessoas devem viver (6:12) num mundo onde o bom Criador (3:11,14) e justo Juiz (3:17) soberanamente permite que coisas más aconteçam tanto aos que são retos (7:13-14) como aos iníquos, e não de acordo com o merecimento pessoal de cada um (8:14; 9:1). O dom do contentamento deve ser exercido não apenas diante da opressão humana (3:22-4:3), mas também diante da futilidade e da morte (9:7-10) que Deus impôs sobre a raça humana em razão do pecado. O livro conclui nos incentivando a termos esperança, pois a vida fará sentido um dia, quando o Juiz se manifestar.

Não há sentido na vida se não a vivermos na presença de Deus. Por isso sua conclusão é muito importante (12:13): "Teme a Deus"!

Informações adicionais sobre o livro

Autoria e datação: para muitos estudiosos, a linhagem (1:1), o reinado em Jerusalém (1:12), a grande sabedoria (1:16) e a riqueza inigualável (2:4-9) do autor indicam ser este Salomão, em torno do século X a.C.. Sugere a espécie de sabedoria transmitida pelos oradores que se reuniam no Templo. O termo Eclesiastes vem da Septuaginta. Outros estudiosos argumentam por autores posteriores que usaram algum material de Salomão.

Esboço: após a introdução e tema (1:1-2), o livro se estrutura em três ciclos que falam das limitações do trabalho e da sabedoria (1:3-3:8), do trabalho diante do temor a Deus (3:9-6:7) e da sabedoria em humildade diante de Deus (6:8-12:7). A conclusão reapresenta o tema (12:8) e tece considerações finais (12:9-14).

Estudo

1) Por que a morte é melhor do que o nascimento? (Ec 7:1-6)

O capítulo 7 de Eclesiastes nos instrui sobre nossa verdadeira humanidade dentro de um mundo cheio de vaidades. O texto nos choca ao insistir que devemos encarar a morte de frente, que chorar é

melhor do que rir. Mas o sábio autor tem razão: as muitas alegrias da vida e a busca do prazer ("o riso dos tolos") em geral nos levam a viver de forma inconsequente e sem reflexão. A morte de alguém conhecido nos traz de volta à realidade da vida: nossa vida não é eterna (enquanto estamos neste corpo corruptível).

Ao nos depararmos com nossa finitude, podemos tomar dois caminhos: aproveitar a vida de forma hedonista, na busca de prazeres (1Co 15:32b), ou usá-la de forma sábia, alcançando boa reputação. Por isso o autor começa afirmando que é melhor ter um bom nome do que um bom perfume.[66] A verdadeira alegria não se encontra nos prazeres passageiros, mas em construir um significado para nossas vidas que perdure após nossa morte. Paradoxalmente, é a morte que mais nos faz pensar sobre a vida!

Além disso, temos outro motivo para encarar a morte com alegria. Para os que temem ao Senhor, a morte é "incomparavelmente melhor" (Fp 1:21-23), pois estarão com Cristo para sempre.

2) Como você analisa o suborno? (Ec 7:7)

O suborno é como uma pedra mágica que abre portas (Pv 17:8; 18:16), mas a Bíblia é clara em mostrar que isto é algo que corrompe o coração do homem. Ele perverte o caminho da justiça (Pv 17:23), cega até o perspicaz e o justo (Ex 23:8).

O presente de alguém, mesmo quando oferecido com inocência, pode nos levar à parcialidade em nossos julgamentos e escolhas. E isto subverte o fundamento da justiça.

3) O que a finitude da vida nos ensina? (Ec 7:8-14)

Este trecho considera alguns aspectos positivos de vivermos conscientes de nossa finitude. De novo o texto salienta que é melhor o fim do que o princípio; é preciso percebermos que tudo nesta vida é temporário, passageiro, e por isso precisamos considerar aquilo que é eterno como prioritário (2Co 4:18).

---

[66] Um trocadilho na língua original entre "nome" (*shem*) e "perfume" (*shemen*).

Além disso, esta atitude de ponderada reflexão sobre a fragilidade da vida gera um comportamento diferenciado na vida.

Em primeiro lugar, gera paciência (v.8) que suplanta a arrogância e a ira (v.9). Esta paciência é um comportamento cultivado pela sábia consideração da finitude da vida e de nossa dependência da graça de Deus. Somente o insensato abriga ira em seu coração; por isso Paulo nos orienta a nos livrarmos logo dela (Ef 4:26-27). Aquele que é prudente e sábio aprende a controlar sua impulsividade (Pv 12:16; 16:32; 29:11), pois manter e instigar a ira só gera ainda mais contendas (Pv 30:33).

Em segundo lugar, gera contentamento com o dia atual e evita a nostalgia (v.10). Quando olhamos para trás, nossa tendência é ver as coisas do passado como melhores. Dizemos "Quando eu era moço, as coisas não eram assim...". Muitas vezes isso não passa de pura ilusão. Mesmo se isto for verdade em alguns sentidos, nada nos adianta suspirarmos pelo passado. Como diz o ditado: "Águas passadas não movem o moinho"; o passado não volta! O que importa é enfrentarmos o presente com suas realidades, pois a vida continua.

Em terceiro lugar, gera uma busca pela sabedoria mais do que por riquezas (v.11-12). Ambos provêm certa proteção, mas a sabedoria preserva e dá vida ao seu possuidor (Pv 3:13-18), pois gera maior qualidade de vida. A verdadeira sabedoria, como sabemos, reside no temor do Senhor (Pv 1:7).

Este trecho termina relembrando a graciosa soberania divina (v.13-14). Deus é quem fez tanto os dias bons quanto os ruins. E isto gera em nós temor ao Senhor soberano e dependência de sua infinita graça.

4) Por que o equilíbrio na vida é tão importante? (Ec 7:15-22)

O texto nos choca novamente ao afirmar que ser demasiadamente justo pode fazer mal (v.16)! O autor nos sacode para quebrar paradigmas de um mundo muito quadradinho. A religiosidade procura inculcar em nós um apego irrestrito aos mandamentos e à justiça de Deus, mas nosso coração enganoso (v.20) facilmente nos leva a ex-

tremos em nossa busca por esta justiça. Com uma rapidez inimaginável, logo estamos mais preocupados com o correto cumprimento dos mandamentos do que com o objetivo primário destes mandamentos, que é o amor ao Senhor e ao próximo. Veja um exemplo em Mt 12:1-8. Ademais, ao nos tornarmos "demasiados justos", ficamos arrogantes pois confiamos em nossa justiça própria e passamos a julgar o nosso próximo que não é "tão justo" como nós. Daí decorre a séria advertência de Jesus em Mt 7:1-5.

Nós precisamos de moderação e equilíbrio em nossas vidas. É por meio da moderação que são reconhecidas as pessoas sábias. Além disso, a moderação caminha junto com a humildade; somos exortados por Paulo a não sermos arrogantes, e sim moderados ao pensarmos sobre nós mesmos (Rm 12:3; Fp 4:5). Precisamos reconhecer nossa pecaminosidade e nossa fragilidade, e viver em constante dependência da graça de Deus. Pois, ao final, é isso que o autor conclui (v.29): Deus criou os seres humanos como verdadeiros e justos; somos nós que bagunçamos o universo criado e nossas próprias vidas.

Para refletir e praticar

1. Tudo é vaidade debaixo do sol, mas Deus nos criou para vivermos uma vida abundância na sua presença. Como isto se relaciona com o nosso trabalho para obter sustento e com a nossa vida em comunidade?
2. Como podemos nos contentar com a vida de hoje apesar de todas as opressões humanas existentes?

Para a próxima reunião

Leia, por favor, Isaías 61.

Como líder, leia o capítulo 6 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.

Lista de orações

Lista de presença



6 PROFETAS: RESPOSTA DE DEUS PARA O MUNDO

A situação de uma pessoa imersa nas palavras dos profetas é a de alguém exposto a um bombardeio incessante contra a indiferença, e a pessoa precisa de um crânio de pedra para permanecer insensível a esses ataques.

Abraham Heschel

Objetivos deste encontro

- Compreender as características da profecia bíblica
- Reagir ao desafio apresentado pelos profetas para nós hoje

Introdução

Os profetas são estranhos, confusos e todos muito parecidos, diz Yancey. São escritores que tratam dos mesmos assuntos que pendem sobre nosso século, são testemunhas do dilema de sermos humanos. O que é um profeta? Na Bíblia, o profeta é alguém que fala em nome do Senhor Deus.[67]

Numa analogia moderna, o profeta é como um assessor de relações públicas ou porta-voz oficial do governo: ele comunica intenções, opiniões e, às vezes, palavras literais do governante sobre um assunto. Ele não fala por si mesmo, mas expressa o que o governante

[67] Numa exceção que confirma a regra, Arão faz papel de profeta para Moisés (Ex 7:1; 4:16). Arão serve de mediador entre Moisés e o povo, de modo semelhante ao profeta que faz mediação entre Deus e o povo.

deseja que ele expresse. Outra analogia é a de um embaixador: comunica opiniões oficiais do governo que representa. Assim também se dá com os profetas bíblicos: são os porta-vozes de Deus, comunicando opiniões, reações, intenções e até as próprias palavras de Deus.

Assim, os profetas nos proporcionam um vislumbre da mente de Deus, pois Deus lhes responde as perguntas contundentes. Deus fala sobre podar uma nação iníqua, aponta um remanescente de fiéis, reconta seu amor, promete um Messias e mostra um futuro quando tudo que está errado será corrigido. Os profetas proclamam o envolvimento pessoal e íntimo de Deus com o seu povo escolhido e com indivíduos. Quem lê os profetas encontra uma Pessoa de verdade, um Deus apaixonado. Deus sente prazer, frustração e raiva. Chora e reclama da dor. Ele se decepciona com o comportamento humano. Deus anuncia o castigo com tristeza e lamento, saídos de um coração partido. A mensagem principal dos profetas se resume assim: Deus ama os seres humanos.

Os profetas são a revelação mais vigorosa da personalidade de Deus. Anunciam uma mensagem semelhante, mas com estilos distintos. Os profetas se fundamentam na história passada e apontam para um futuro glorioso, tudo isto visando influenciar o comportamento do presente. Proporcionam uma visão do 'mundo-como-Deus-quer'. Que diferença estas visões proféticas fazem? Oferecem esperança, apontando para o que é absolutamente verdadeiro, para uma realidade mais profunda: **o desafio de vivermos o 'mundo-como-Deus-quer' nesta vida, exatamente agora**.

Informações adicionais sobre os profetas

No AT, os profetas recebem diferentes títulos. O mais frequente é *nabí*, "chamado". Outro título é "vidente", designando-os como os que recebem visões de revelação sobre o futuro. Obviamente, os profetas *nem sempre recebiam suas mensagens através de transes e visões*. Esta era apenas *uma* dentre muitas formas de receber de Deus o que comunicar. E, embora haja exceções, em geral o texto bíblico não especifica como a mensagem foi recebida.

Os profetas bíblicos surgem principalmente em tempos de crises: a crise re-

ligiosa causada pela adoração oficial de Baal no tempo de Elias,[68] as crises políticas causadas pelas ameaças da Assíria e Babilônia, a crise de identidade da comunidade pós-exílica. Deus usou os profetas para oferecer direção a seu povo em tempos turbulentos.

A profecia em Israel passou por três estágios:

Período	Função	Público	Mensagem	Exemplos
Pré-monarquia	Porta-voz Líder	Povo	- orientação nacional - manutenção da justiça - supervisor espiritual	Moisés Débora
				Transição: Samuel
Pré-clássico	Porta-voz Conselheiro	Rei e corte	- conselho militar - pronunciamento de bênção ou repreensão	Natã, Elias, Eliseu
				Transição: Jonas Isaías
Clássico	Porta-voz Comentarista espiritual e social	Povo		Jeremias

No **período pré-monárquico**, os profetas *detinham as rédeas da liderança do povo*. Moisés é o melhor exemplo: estava qualificado a liderar o povo devido a seu ofício profético. Mais tarde, Débora exerceu liderança profética durante o período dos juízes. Outro bom exemplo é Samuel (veja 1Sm 3:19-20), o qual exerceu uma liderança essencial durante a transição para a monarquia.

No **período pré-clássico**, surgem os reis e o papel do profeta muda. Torna-se *conselheiro do rei, muitas vezes de forma não oficial*. Assim costumava ser em todo o Oriente da época. Nenhum livro reúne os ditos destes profetas, embora alguns oráculos ocorram em livros históricos. Samuel foi profeta no tempo do rei Saul (1Sm), Natã no do rei Davi (2Sm), e Elias no do rei Acabe.

No **período clássico**, encontramos os livros proféticos da Bíblia. Começa no 8º século a.C. com Amós e Oséias no reino do Norte (Israel), e com Miquéias e

[68] Baal era um deus canaanita. Em geral, seu nome recebia adição do local (Baal-Peor, Nm 25:3; Baal-Gad, Js 11:17; Baal-Hermon, Jz 3:3, etc.) ou de uma característica limitadora (Baal-Berith, Jz 8:33; Baal-Zebub, 2Re 1:2). Baal era considerado o *deus atuante em um local*, o "dono" da região que controlava agricultura, animais e seres humanos. Assim, era essencial assegurar seu favor, o que levou a práticas extremas como a prostituição ritual (Jz 2:17; Jr 7:9; Am 2:7) e o sacrifício de crianças (Jr 19:5). *The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible,* "Baal".

Isaías no reino do Sul (Judá). Muito embora estes profetas continuassem falando aos reis, *a maioria dos oráculos se destinava ao povo*. Eles *anunciavam a agenda de Deus para o povo*.

Os profetas do período clássico foram únicos em seu mundo e época. Distinguiam-se pela sua autoridade divina (manifesta na expressão "Assim diz o Senhor") e pelo conteúdo e escopo da sua mensagem. Por exemplo, em geral os profetas no Oriente Antigo estimulavam o uso de certos rituais para obter o favor de seus deuses. Em Israel, contudo, os profetas parecem ser contra rituais de tanto falarem contra a ideia de apaziguar a ira de Deus através de um ritual. Além disso, nada no Oriente Antigo se compara às mensagens abrangentes de exílio e destruição comuns aos profetas hebreus. Essas distinções se devem ao fato de que as profecias do AT têm sua base na aliança de Javé com seu povo. Nenhum povo no Oriente Antigo tinha algo semelhante a isso; a saber, um Deus soberano escolhendo um povo como meio de se revelar e executar seu plano na história. Este conceito é único na história antiga. A ideia de que o Deus Criador tem um plano de longo alcance para proclamar à humanidade não se encontra nos demais povos*, porque divindade alguma tinha planos para executar na história*.

Outro aspecto da profecia bíblica que a faz exclusiva é seu conteúdo escatológico, ou seja, as profecias relacionadas com o estágio final do plano de Deus para a história humana. Este estágio final da história não é mencionado em parte alguma nas demais culturas antigas. Mas a escatologia é tema principal da retórica profética (veja Is 41-48) e a torna singular em Israel.

Informações adicionais sobre a mensagem dos profetas

O profeta recebe uma mensagem de Deus e precisa comunicar esta mensagem ao seu povo. Ele entendia sua mensagem, ou seja, a mensagem tinha relevância para ele e para seu povo. Contudo, isto não exclui significados adicionais futuros da mesma mensagem, conforme revelados mais tarde por meio da ação do Espírito Santo.

A mensagem é a proclamação da Palavra de Deus a uma audiência de uma época específica, mas o cumprimento da mesma se dá no desenrolar da história. Ou seja, cada profecia é uma mensagem que *fazia sentido imediato para os ouvintes iniciais*, independentemente do seu cumprimento final. Além disso, **também são relevantes para nós hoje, não tanto pela informação sobre o presente ou o futuro, mas pelo que elas revelam a respeito de Deus**. A profecia é um meio pelo qual Deus se revela a nós. A mensagem do profeta é a proclamação da agenda de Deus. Conhecemos a Deus pelo que ele já fez (história) e pelos seus planos para o futuro (profecia). História e profecia fluem juntas em um plano soberanamen-

te projetado e executado. Isto deve produzir em nós reverência ao Criador!

O termo "predição" não é adequado para descrever a profecia bíblica. Os profetas não estavam predizendo eventos, mas apenas proclamando a Palavra de Deus. A profecia é uma mensagem de Deus, não uma mensagem do profeta. Ela está focada mais na causa (Deus) do que no evento em si predito. Sem dúvida, a profecia fala de eventos antes que venham a acontecer. Porém o propósito da profecia é que *Deus seja devidamente reconhecido como causador daqueles eventos como parte de seu plano contínuo para a humanidade*.

A profecia é como o programa de ensino de um curso. O programa de ensino não "prediz" o que vai acontecer em cada aula ao longo do curso, mas apresenta os planos do professor para cada aula. Além disso, o instrutor tem poder de tornar tais planos em realidade. Da mesma forma, quando um juiz decreta a sentença de um criminoso, ele não está "predizendo" o que irá acontecer; está decretando o que deverá ser feito em relação ao criminoso e, como juiz, tem autoridade e poder de fazer aquilo acontecer. Assim é a relação entre Deus e as profecias: Deus declara suas intenções e decreta seu julgamento. Os profetas não "predizem", são apenas porta-vozes de Deus. Voltando ao exemplo, quando o professor pede a um aluno para distribuir o programa do curso aos outros, este estudante não está "predizendo" o que o professor vai fazer em cada aula; ele é apenas o entregador do programa. Assim também se dá com os profetas.

O termo "cumprimento" também é enganoso. Algumas pessoas negligenciam a mensagem dos profetas, ansiosas em determinar o cumprimento das profecias (Já ocorreu? Quando vai ocorrer? Como?); isto leva a especulações que nos afastam do texto. Muitas vezes o profeta não sabia como ou quando o cumprimento da sua profecia viria a acontecer. É a mensagem que é inspirada e o meio da revelação de Deus; o cumprimento é algo secundário. Não podemos ficar absorvidos em descobrir o cumprimento de uma profecia e negligenciar a mensagem em si.

É melhor definir cumprimento profético como uma *correlação apropriada entre a palavra profética e o evento ao qual está relacionada*.[69] Assim, quando um autor do NT afirma que um evento cumpriu uma profecia, ele não está sugerindo que o profeta tenha pensado neste evento, mas sim que há uma correlação apropriada entre a profecia e o evento. Por exemplo, o NT não usa o AT para provar que Jesus é o Messias. Pelo contrário, partindo do fato de que Jesus é o Messias, os autores do NT usam o AT para oferecer maior evidência e sustentação àquela posição. Pela inspiração do Espírito Santo, os autores do NT foram capazes de estabelecer correlações confiáveis e apropriadas entre profecia e evento histórico,

[69] Hill e Walton, *Survey of the Old Testament*, p. 316.

as quais os próprios profetas originais não anteciparam.[70]

Assim, distinguimos entre a mensagem e o cumprimento da profecia:

Mensagem	**Cumprimento**
Palavra com autoridade de Deus	Desenrolar do plano de Deus
Entendida pelo profeta e relevante para seu público	Pode ser vago ou obscuro ou tomar uma direção inesperada
Interpretada de acordo com a intenção do autor original	Interpretado apenas com auxílio da visão posterior sobre o que deveria ter ocorrido
Faz uso de evidência objetiva	Perspectiva subjetiva
Mensagem única	Pode apresentar vários níveis de cumprimento em diferentes épocas
Não se altera	Pode mudar de direção
Objetivo dos intérpretes do AT	Reconhecido e explicado pelos autores do NT

A mensagem dos profetas pode ser mais bem entendida ao analisarmos os tipos de oráculos empregados: acusação (declaração de ofensa), julgamento (punição advinda por causa da ofensa), instrução (como os ouvintes deviam se conduzir) e esperança (fatos após o julgamento ou esperança por libertação e restauração).

Categoria	**Ênfase pré-exílica**	**Ênfase pós-exílica**
Acusação	Foco na idolatria, ritualismo e justiça social	Foco em não se dar a honra devida ao Senhor
Julgamento	Essencialmente política e projetada para o futuro	Interpreta crises recentes ou atuais como punição
Instrução	Poucas ocorrências. Geralmente retorno a Deus por meio de cessar a má conduta	Algumas ocorrências. Especificamente direcionadas a situações específicas
Esperança	Apresentada e entendida como algo a ocorrer após um período de julgamento	Apresentada e entendida como algo a ocorrer ao longo de um período de tempo

[70] É o Espírito Santo quem determina as camadas de cumprimento de uma profecia ao longo da história. Diferentes eventos podem se enquadrar na profecia original, gerando múltiplos cumprimentos na história até seu cumprimento total. Por exemplo, Deus proclama a Abrão que dele fará um povo para si. O nascimento de Isaque é o 1º nível de cumprimento desta profecia (cumprimento étnico no povo hebreu); em Cristo o cumprimento se estende aos gentios (1Pe 2:9). O cumprimento final se dará na cidade santa que desce do céu (Ap 21:1-8).

Estudo

1. Leia Is 46:9-11. Qual é a característica mais importante da profecia bíblica?

A profecia bíblica salienta que Deus é Rei soberano do universo (v.9) e expõe seus planos para a humanidade, em particular para seu povo (v.10). Deus fala por meio de seus profetas sobre o que vai acontecer e tem poder para fazer com que tudo aconteça segundo sua vontade. Assim, a característica mais importante da profecia bíblica é que ela sempre aponta para Deus como personagem principal da história e da nossa vida, como alguém que deseja se relacionar conosco.

Sempre existiram "profetas" em várias culturas como videntes do futuro. Porém, de acordo com as Escrituras, a marca distintiva dos verdadeiros profetas de Javé, o Deus vivo, é *a precisão de suas predições e cumprimento exato, minucioso, do conteúdo predito* (Dt 18:14-22).[71] Isto os distingue das predições vagas presentes em outros profetas.[72] As profecias se cumprem exatamente porque Deus garante que assim será executado (Is 46:11).[73]

2. O que as profecias bíblicas têm a ver com a minha vida?

As profecias revelam quem Deus é. Elas o mostram como:

- Rei soberano sobre sua criação, o único Deus (Is 44:6)
- Presente com seu povo em meio às aflições (Is 43:1-3,7)
- Único salvador do seu povo (Is 45:21-22,25)
- Com planos de paz e restauração para seu povo (Jr 29:11-14)

---

[71] Quanto às marcas do verdadeiro profeta, veja também Gn 20:7; Ex 7:1; Nm 12:6; Dt 13. Sua função básica é apontar exclusivamente o caminho para Javé.

[72] Por exemplo: as predições de Nostradamus são vagas e passíveis de muitíssimas interpretações. As profecias bíblicas, embora permitam interpretações diferentes, *permanecem restritas a um escopo de possibilidades*. Ou seja, o texto das Escrituras *como um todo* limita as possíveis interpretações.

[73] Para mais informações, veja os dois últimos parágrafos da seção "Informações adicionais sobre os profetas" acima e a seção seguinte a esta.

- Um Deus que abomina a religiosidade (Is 1:11-15)
- Mas se compraz no amor ao próximo (Is 1:16-17)

Para refletir e praticar

1. O nosso Deus tem um plano para a humanidade, um plano de redenção para levar o homem à eternidade na sua presença. Como você se posiciona neste plano? Você está vivendo de forma alheia ao plano divino ou está "jogando a favor"?
2. Deus se revela nas profecias bíblicas como o Senhor absoluto sobre a história do universo. Ele faz tudo conforme sua soberana vontade. Como você reage a isto?

Para a próxima reunião

Leia, por favor, Is 58; 61 e Lc 4.

Como líder, leia o capítulo 7 do livro "A Bíblia que Jesus lia", de Philip Yancey, editora Vida.

Lista de orações

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Lista de presença



Vista da cidade de Nazaré

7 ISAÍAS: A NAÇÃO E O SERVO

A terra treme sob os pés de Jesus Cristo. O gato foi colocado no buraco dos ratos.

Paul Claudel

Objetivos deste encontro

- Reconhecer o valor do livro de Isaías para nossa compreensão do Evangelho
- Descobrir Jesus no Antigo Testamento

Introdução

O Antigo Testamento expressa de forma precisa nossos anseios. Mas também aponta para um tempo em que Deus iria tomar conta de todas as nossas ansiedades. Toda a história do AT aponta para Jesus. Nele Deus respondeu de uma vez por todas a pergunta "Será que somos importantes?". Deus nos ama não como uma raça... mas um de cada vez.

Esta pergunta "Será que Deus se importa?" é respondida por Jesus. Jesus dá um rosto a Deus, e esse rosto está molhado com lágrimas. Nele recebemos a misteriosa resposta de que Deus sofre conosco. Não estamos sós. Para a pergunta "Por que Deus não faz algo?", os cristãos creem que Deus já agiu enviando o Messias, e agirá mais uma vez enviando-o de novo, desta vez em poder e glória!

Isaías é um dos profetas do AT que mais testificam a respeito da vinda do Messias e de seu plano redentor.

Informações adicionais sobre o livro de Isaías

Contexto histórico:[74] o ministério de Isaías cobre um período considerável da monarquia em Judá. Ele é profeta no reino do Sul (Judá), nos reinados de Uzias e Jotão, seu filho, passando por Acaz, Ezequias até Manassés. O período de tempo de seu ministério (não de suas profecias) cobre pouco mais de meio século, desde 740 até 687 a.C. Há 34 profecias em Isaías que foram cumpridas em Cristo Jesus.

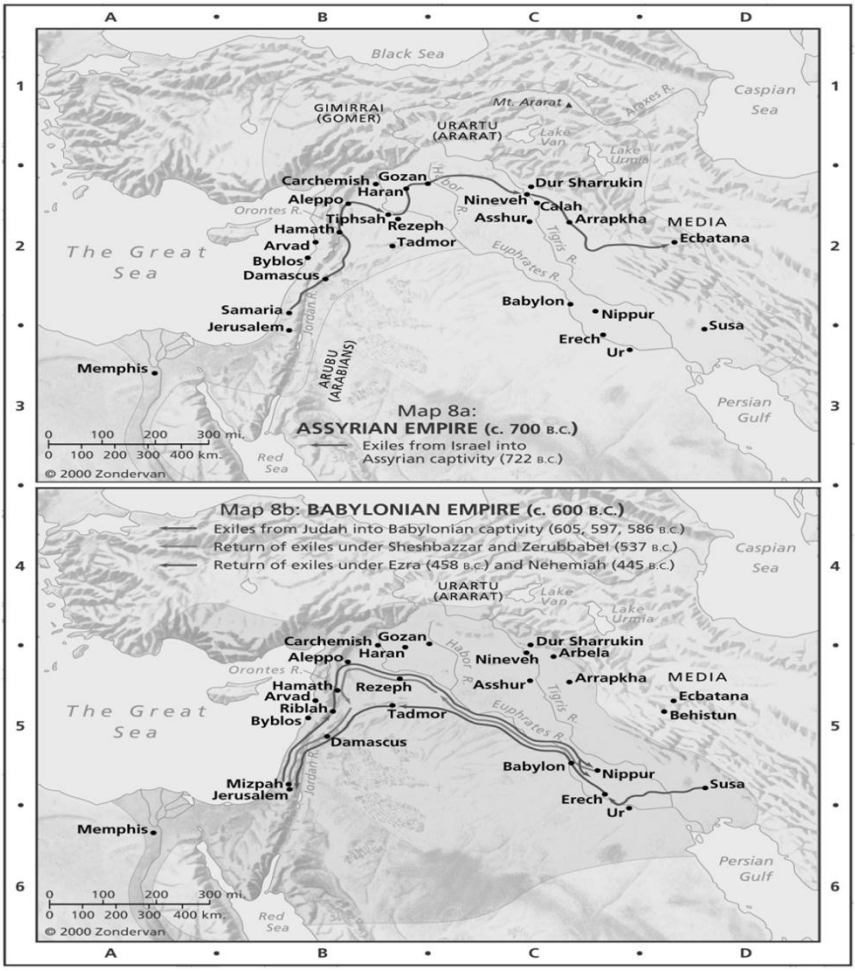
O livro de Isaías em si é uma tremenda fonte de informações históricas. Material adicional pode ser encontrado em 2Re 15-21 e em 2Cr 26-36. Foram seus contemporâneos os profetas Amós e Oséias, no reino do Norte (Israel), além de Miquéias (que também profetizou no reino do Sul). Nada se sabe sobre Amoz, pai de Isaías (Is 1:1). A tradição judaica o considera pertencente à nobreza judaica. Isaías pode bem ter sido um aristocrata, devido a seu trânsito na corte (7:3; 37:21-22; etc.). Tinha dois filhos com nomes de alto significado: Sear-Jasube = "um remanescente voltará" e Maher-Shalal-Hash-Baz = "rapidamente até os despojos, agilmente até a pilhagem"; ambos se referem ao cativeiro e retorno décadas depois. Isaías profetizou largamente em Jerusalém e arredores. O último registro de seus oráculos data de 701 a.C.. Fontes não canônicas afirmam que ele foi martirizado (conforme Hb 11:37) no reinado de Manassés (após 687 a.C.).

Israel e Judá desfrutaram de um período de prosperidade durante a infância de Isaías, com pouca interferência de potências estrangeiras. O Egito estava enfraquecido e a Assíria tinha problemas em outras regiões. Tigliath-pileser III (conhecido como Pul) ascendeu ao trono assírio em 745 a.C. recomeçando assim a expansão para oeste do Império Assírio. Embora o Egito tenha subjugado reinos menores na região da Palestina e Síria, mantendo-os debaixo de sua esfera de influência, Tiglath-pileser conquistou Damasco (735 a.C.) e a maior parte da Galiléia. Depois dele, Shalmanazar V (727-722 a.C.) e Sargão II (722-705 a.C.) atacaram Samaria e Sargão a conquistou em 722 ou 721 a.C. No final do 8º século a.C., o Egito passou por um renascimento político e a Assíria encontrou oposição nos babilônios. Isto levou Judá e reinos vizinhos a se rebelaram contra a Assíria. Senaqueribe invade Judá em 701 a.C. e a subjuga; mas Deus salvou Jerusalém, a qual vem a cair um século depois diante da Babilônia..[75]

---

[74] Grogan, "Isaiah", *The Zondervan NIV Bible commentary*, p.1041-1044.

[75] *Maps of the Bible*.



A ameaça assíria levou Síria e Israel a formarem uma coalizão em 734 a.C., e ambos tentaram forçar o rei Acaz (Judá) a se juntar a eles. É nesse contexto que Isaías desafia o Acaz a confiar apenas no Senhor (Is 7). Porém. Acaz pede ajuda à Assíria. Damasco, capital da Síria, foi tomada em 732, assim como grande parte da Galiléia (2Re 15:25-29). Os reis de Israel e da Síria lutaram contra Acaz, infligindo grande dano a Jerusalém, até os assírios chegarem (2Re 16:5-9). Porém, esse livramento de Judá pelas mãos do exército assírio gerou sérias consequências espirituais para a nação (2Re 16:10-20).

Com a morte de Tiglath-pileser em 727 a.C., os povos dominados pelos assírios retomam a esperança de liberdade Após a morte de Acaz, Isaías adverte

Judá a não se juntar à rebelião dos filisteus (Is 14:28-32). Sargão morre cerca de 705 a.C., sendo sucedido por Senaqueribe. Surgem problemas entre o Império Assírio e o Egito e a Babilônia. Apesar das advertências de Isaías (Is 30-31), Ezequias se envolveu na confusão (Is 22:8-11). O exército assírio invadiu Judá, tomando 46 cidades fortificadas e devastando o campo. Senaqueribe sitiou Jerusalém, mas Ezequias confiou no Senhor e a cidade foi libertada (Is 37 [veja o v.36]).

Na Babilônia, Merodaque-Baladã assumiu o poder em 721.a.C., declarando-a independente da Assíria, mas Sargão invadiu a Babilônia sem lutas. Após a morte de Sargão, houve um movimento de libertação (que envolveu Ezequias, Is 39:1-2), mas Senaqueribe o derrotou. Só no final do 7º século a.C. há um renascimento político e a Babilônia se torna o poder dominante na Mesopotâmia. Isto leva à subjugação de Judá e à queda de Jerusalém em 587 a.C.. Este exílio cumpre as advertências de Is 39 e fornece o pano de fundo das profecias posteriores. Ciro, rei da Pérsia, é apresentado como instrumento divino para o retorno do povo judeu após o exílio (Is 44-45). Os capítulos finais (Is 56-66) falam de um tempo mais distante, após este retorno do povo a Judá.

Autoria: os estudiosos se dividem quanto à unidade do livro (e sua autoria). Os mais conservadores defendem a posição histórica da igreja, afirmando que o livro é coeso e foi escrito por Isaías. Outros defendem uma teoria de múltiplos autores e três livros diferentes, escritos em tempos diferentes. Todavia, mesmo estes hoje valorizam mais o estudo do livro todo como uma unidade literária.

Estrutura: diversas propostas são possíveis. Uma delas segue abaixo:

A. Oráculos sobre Judá e Jerusalém (Is 1-12)
B. Deus e as nações (13-23)
C. Deus e o mundo todo (24-27)
D. Deus e seu povo (28-33)
E. Os propósitos de Deus de julgamento e salvação (34-35)
F. Isaías e Ezequias (36-39)
G. A soberania única do Senhor (40-48)
H. O Evangelho do Servo do Senhor (49-57)
I. Deus como Juiz e Salvador (58-66)

A mensagem de Isaías

Isaías é um dos livros mais ricos do AT em estilos literários e assuntos. *A profundidade de sua visão* de *Deus não tem paralelo*. É um dos livros *mais citados* no NT (só perde para Dt e Sl). Isaías sali-

enta o conflito inevitável entre a glória de Deus e o orgulho humano. Principais temas: Deus; humanidade; mundo; pecado; redenção. Estes se agrupam em ideias opostas como: glória divina / degradação humana; julgamento / redenção; alturas / profundezas; sabedoria de Deus / tolice dos ídolos; fecundidade e abundância / infertilidade e desolação; arrogância / humildade. Outro tema marcante é a transitoriedade dos reinos humanos à luz da glória e poder divinos. Um dos aspectos marcantes de Isaías é sua ênfase na **majestade de Deus**. Deus é "alto e exaltado" e "a terra inteira está cheia da sua glória" (Is 6:3). Isto se repete em todo o livro. Esta grandeza se manifesta não apenas em seu poder, mas na sua capacidade de se fazer humilde. Conquistadores não podem se inclinar aos mais fracos, porém o Deus da eternidade é suficiente poderoso para fazê-lo (Is 11:1-9; 40:10-11).

O título mais usado por Isaías para referir-se a Deus é "o Santo de Israel", alusão à sua *perfeição ética e moral*. Enquanto as marcas da humanidade são a mentira, roubo, opressão e assassinato, Deus permanece fiel. Quando o ser humano é exaltado, o resultado é arrogância e infidelidade (3:14-15; 22:15-25; 32:5-7; 59:5-8). Porém, a exaltação de Deus é manifesta em sua fidelidade, especialmente para com os mais simples. Visto que somente Deus é o Criador e sempre faz o que é certo, ele é confiável para redimir seu povo (41:14; 43:3, 14-15; 47:4; 48:17). Esse desejo divino de redenção a despeito dos obstáculos será tanto o cumprimento como a expressão da sua santidade. Portanto, a recusa em crer nele é uma negação da sua santidade.

A estupidez de confiar em algo que não o próprio Deus é apresentada de forma esmerada e sarcástica em Isaías. Quem seria tão tolo a ponto de se inclinar diante de uma madeira, se dela outros pedaços foram usados para fazer comida? (Is 44:9-20; 4:6-7). Além de protestar duramente contra os ídolos, o profeta também fala contra as divindades por eles representadas: são meros reflexos do ser humano com todas as suas limitações; são esforços de glorificação do ser humano, que apenas ilustram a incapacidade da espécie humana (Is 2:6-22). Tais deuses são incapazes de explicar o passado e predizer o futuro (41:22-23; 43:8-9; 44:6-8; 45:2-23) ou de afetar o presente de forma material. Os deuses não transcendem este mundo: são uma extensão dele. Por não terem criado este mundo, eles não o podem controlar;

são só participantes de seu sistema. O Senhor Deus é diferente do universo: é o seu Criador, Sustentador, Diretor e Juiz. Como tal, ele é capaz de explicar o passado e predizer o futuro. Não está preso às contingências deste mundo e pode fazer algo novo conforme sua vontade. Não está preso à repetição dos ciclos da natureza (como os deuses canaanitas), mas é livre para fazer qualquer coisa que sirva a seus propósitos soberanos (42:8-9,16-17; 43:18-19; 46:11; 48:6-8).

Estudo

Leia os seguintes textos: Is 58:6; 61:1-3; Lc 4:18-19. Estes textos tratam do ano aceitável do Senhor. O que Isaías estava anunciando? Este ano já ocorreu? Como você sabe?

Is 61:1-3 apresenta um homem ungido pelo Espírito de Deus para a tarefa de pregar (1Re 19:15-16). Ele proclama boas notícias (Is 40:9; 41:27; 52:7). Sua unção com o Espírito faz conexão com as profecias de reinado e do servo (11:1; 42:1). Este homem é tanto Rei como Servo! Já no livro de Isaías essa união das duas identidades em Cristo Jesus está antecipada.

Quem se beneficia desta mensagem do pregador são os pobres, os de coração quebrantado (Sl 147:3), os cativos e os prisioneiros. Os pobres são aqueles que nada têm e dependem de Deus para tudo. O termo denota tons de fidelidade e devoção. Os de "coração quebrantado" são os que choram e se entristecem pelo pecado e pela destruição de Jerusalém. Ambos reaparecem nas beatitudes do Sermão da Montanha (Mt 5:3-4). Os cativos e os prisioneiros são os exilados (42:22; 49:9; 51:14), e surge o tom de um novo Êxodo.

O v. 2 é importante. Embora o termo "redentor" (*goel*) não apareça nesta passagem, é um conceito fortemente ligado ao Ano do Jubileu descrito aqui. Neste ano os escravos eram libertados e toda terra era retornada aos seus donos originais (Lv 25). Além disso, "libertação" no v.1 é um termo técnico para o Jubileu (Lv 25:10, 13; 27:24; Jr 34:8-10; Ez 46:17). Deus se apresenta aqui como Salvador e Juiz.

O v.3 expressa de diferentes maneiras o mesmo conceito de

substituição da dor pela alegria: cinzas simbolizam tristeza profunda; coroa, óleo e manto de louvor sugerem preparações para um festival alegre. O termo "carvalhos de justiça" alude a Is 60:21 (renovo plantado pelo Senhor), porém agora com um significado individual.

Significativamente, Jesus, ao citar tais versos, em Lc 4:18-19 parou exatamente antes da referência ao "dia da vingança". Jesus proclama boas novas (v.18; Lc 1:19; 2:10-11). São direcionadas aos infelizes deste mundo, aos que têm necessidades e dependem de Deus. Ele anuncia o "ano aceitável do Senhor", o Ano do Jubileu quando débitos são perdoados e escravos libertos (Lv 25:8-17). Define o período na história quando Deus em graça soberana traz liberdade da culpa e dos efeitos do pecado. A inclusão dessa citação é consistente com a ênfase de Lucas sobre o nascer de uma nova era de salvação.

Jesus omite (em Lucas) uma expressão de Is 61:2: "o dia da vingança do nosso Deus". Isto é muito significativo. Os ouvintes de Jesus achavam que o dia da sua salvação seria também o dia de julgamento sobre todos os seus inimigos (os gentios). Contudo, o retardar deste julgamento significa que este tempo do favor de Deus beneficiaria também os gentios. Jesus afirma (Lc 4:24-27) que os gentios também são recebedores da graça de Deus, mesmo quando os judeus não a recebiam.

O único comentário de Jesus que Lucas registra é curto (Lc 4:21), porém da mais alta importância. Ele anuncia o cumprimento desta profecia nele (Jesus) e naquele momento ("hoje"). Apenas aqui, e no diálogo com os discípulos a caminho de Emaús é que Lucas fala de cumprimento de profecias do AT. Estas duas referências saltam à vista no início e no final das aparições públicas de Jesus, enfatizando o cumprimento do propósito eterno de Deus no ministério de Cristo.

Para refletir e praticar

1. O Antigo Testamento anuncia Jesus! Torne prática na sua vida a leitura destes textos, pois eles trazem figuras, imagens e verdades para sua caminhada cristã.

2. O Antigo Testamento é a Bíblia que Jesus lia. Esses textos nos mostram que Deus é o Senhor de todas as coisas sobre a terra e os céus. Eles demandam de nós uma reação. Qual é a sua postura diante desta mensagem?

Lista de orações

Lista de presença

Bibliografia geral

ANGUS, Joseph. **História, doutrina e interpretação da Bíblia**. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1951. Vol. 1.

BAKER, Kenneth L.; KOHLENBERGER, John (eds.). **The Zondervan NIV Bible commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

BALARINI, Teodorico. **Introdução bíblica**. São Paulo: Vozes, 1969.

BONHOEFFER, Dietrich. **Orando com os Salmos**. Curitiba: Encontrão, 1995.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

BRUCE, F. F. (ed.). **New international Bible commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

DILLARD, Raymond; LONGMAN, Tremper. **An introduction to the Old Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

FOHRER, Georg. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1978.

HENRY, Matthew. **Concise commentary on the Bible**. Libronix.

HILL, Andrew E.; WALTON, John H. **A survey of the Old Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

LIDÓRIO Jr., Gedeon J. **Panorama do Antigo Testamento**. Londrina: Faculdade Teológica Sul Americana.

OSWALT, John N. **Isaiah**. The new international commentary on the Old Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

VAN HALSEMA, Thea B. **João Calvino era assim**. São Paulo: Vida, 1968.

YANCEY, Philip. A Bíblia que Jesus lia. São Paulo: Vida, 2006.

WILSON, J. A. **The burden of Egypt**. Chicago: University of Chicago Press, 1951.

Bíblias, enciclopédias e meios eletrônicos

Bíblia de Estudo de Genebra. Tradução João Ferreira de Almeida, revista e atualizada no Brasil, 2a ed. São Paulo: SBB, 1993.

Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2007.

Dicionário Português-Hebraico, Hebraico-Português. 2a edição. Tel Aviv: Aurora, 1995.

Software Pradis. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible. Grand Rapids: Zondervan, 1976.



comunidade presbiteriana
chácara primavera